



Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação

O Processo de Transição das Crianças da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Susana Maria Verde Silva

Orientadora: Isabel Piscalho

2020, março

*“O exercício da profissão docente não pode ser um acto individual,
ele é, sobretudo nos dias de hoje, um acto no colectivo”*

(Marchão, 2012, p.92)

Agradecimentos

A realização de um relatório de mestrado corresponde não só ao término de uma etapa académica, mas também à abertura de uma porta profissional, estando já capacitada das ferramentas e aprendizagens necessárias para o alcance do sucesso.

Como tal, gostaria de agradecer a todos aqueles que me apoiaram ao longo da elaboração deste projeto e que foram essenciais para a sua concretização. Àqueles que sempre estiveram ao meu lado e que nunca me deixaram desistir.

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer a todos os docentes da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, por todos os ensinamentos e por me terem acompanhado ao longo destes últimos cinco anos.

À minha orientadora, professora Isabel Piscalho, pela forma como orientou o meu trabalho ao longo do último ano, pelos seus comentários e recomendações e pelo seu apoio.

A todas as educadoras e professoras cooperantes, com quem tive o gosto de aprender ao longos dos estágios que realizei, tanto durante a licenciatura como no mestrado, que sempre estiveram disponíveis para me ajudar a desenvolver melhor a minha prática.

À minha família, pois sempre me apoiou e acreditou em mim, que sempre me ajudou e me deu motivação e força para que a realização deste sonho fosse possível.

Ao meu namorado que esteve sempre presente em todos os momentos, bons e menos bons, que passei ao longo destes cinco anos, por me ter apoiado e por ter acreditado em mim.

Por fim, quero agradecer a todos as amigas que foram aparecendo na minha vida e que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram e apoiaram durante este meu percurso. Entre elas quero ressaltar: a Carlota Veiga, a Margarida Fonseca, a Inês Lourenço, a Vanessa Costa, a Elena Vrabie e a Inês Correia, pois sem elas nada teria sido possível.

A todos, muito obrigada!

Resumo

O presente relatório de estágio surge no âmbito do mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e pretende dar a conhecer o percurso desenvolvido ao longo do mestrado, as aprendizagens adquiridas no decorrer dos estágios realizados e o trabalho de pesquisa desenvolvido. Este relatório de estágio está organizado em duas partes: a primeira parte é composta por uma síntese dos diferentes estágios (creche, jardim de infância e 1.º CEB), onde estão descritos os contextos, as experiências vividas e o projeto desenvolvido. A segunda parte contempla o exercício investigativo realizado a partir de questões emergentes dos estágios desenvolvidos. O estudo de natureza qualitativa procurou analisar as estratégias para o apoio no processo de transição das crianças da educação pré-escolar para o 1.º CEB e os constrangimentos e fatores que influenciam esse processo, tendo como objetivo um entendimento global dos diferentes intervenientes que participam nestes processos de transição escolares. Assim, foram realizadas entrevistas semidiretivas a duas educadoras de infância, a duas professoras do 1.º CEB, a duas docentes do ensino superior politécnico e a três crianças do jardim de infância. Foi ainda realizado *um focus group* a sete crianças do 1.º CEB. Da triangulação dos dados, salientam-se as seguintes conclusões: a relevância de uma transição pacífica e contínua, que preveja a continuidade educativa; a importância de se conhecer os diferentes contextos educativos a vários níveis.

Palavras-chave: Transições; Continuidade; Educação Pré-escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Abstract

This internship report at the Master's Degree in Preschool Education and Teaching of 1st Cycle of Basic Education aims to acknowledge the academic path during the Masters, the learning process in the course of the internship and the research work fulfilled. This report is organized in two parts: the first part includes a summary of the different internships (nursery, kindergarten and primary-elementary school), where the contexts are described, and also the project developed is recorded. The second part contemplates the investigative exercise performed from the internships taken. The qualitative study sought to analyze the strategies to support the transition process of children from pre-school education to the 1st CBE and the constraints and factors that influence this process, aiming at a global understanding of the different actors that participate in these school transition processes. Thus, semi-directive interviews were conducted with two kindergarten teachers, two teachers from the 1st CBE, two academic teachers and three children from kindergarten. It was also accomplished a focus group of seven children from the 1st CBE. From the data triangulation, enhances the following: the relevance of a peaceful and continuous transition, which provides for educational continuity; the importance of acknowledge the different educational contexts at various levels.

Keywords: Transitions; Permanency; Preschool Education; 1st Cycle of Basic Education

Índice

Introdução	1
Parte I - Caracterização das Práticas de Ensino Supervisionadas	3
1. Apresentação dos Estágio Realizados	3
1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche	3
1.1.1. Projeto de estágio	5
1.2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância	9
1.2.1. Projeto de estágio	11
1.3. Prática de Ensino Supervisionada em 1.º CEB – 1.º ano de escolaridade	16
1.3.1. Projeto de estágio	18
1.4. Prática de Ensino Supervisionada em 1.º CEB - 3.º ano de escolaridade	23
1.4.1. Projeto de estágio	24
2. Percurso de Desenvolvimento Profissional	28
Parte II - Exercício Investigativo	31
1. Estado de Arte	31
1.1. Perspetiva histórica da educação nas primeiras idades	31
1.2. Transição	32
1.3. O papel do docente nas (des)continuidades.....	34
1.3.1. No contexto da educação Pré-Escolar	34
1.3.2. No contexto do ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	35
2. Objetivos e Metodologia de Pesquisa	36
2.1. Questões orientadoras e objetivos	36
2.2. Metodologia de pesquisa	37
2.3. Participantes do estudo	38
3. Apresentação e Análise dos Dados Recolhidos	40
3.1. A transição vista pelas crianças (Jardim de infância e 1.º CEB)	40
3.1.1. Análise comparativa	42
3.2. A transição vista pelas educadoras de JI, professoras do 1.º CEB e docentes do Ensino Superior Politécnico.....	43
3.2.1. Análise comparativa	46
4. Conclusões do Estudo Investigativo	49
Considerações Finais	52
Anexos	56

Índice de Anexos

Anexo I – Planificação: Tapete sensorial

Anexo II – Planificação: Massa de Moldar

Anexo III – Planificação: Os locais públicos de Santarém

Anexo IV – Planificação: Jogo da Glória

Anexo V – Planificação: Vamos reciclar

Anexo VI – Planificação: Pasta de papel

Anexo VII – Planificação: Mobile dos Planetas

Anexo VIII – Planificação: Jogo das Pistas

Anexo IX – Guião das entrevistas das crianças da educação pré-escolar

Anexo X – Guião das entrevistas das crianças do 1.º CEB

Anexo XI – Guião das entrevistas das educadoras, professoras do 1.º CEB e das docentes do ensino superior

Anexo XII – Transcrição das entrevistas das crianças da educação pré-escolar

Anexo XIII – Transcrição das entrevistas das crianças do 1.º CEB

Anexo XIV – Transcrição das entrevistas das educadoras, professoras do 1.º CEB e das docentes do ensino superior

Índice de Figuras

Figura 1- Exploração livre do tapete sensorial	7
Figura 2- Exploração do tapete sensorial com a estagiária	7
Figura 3- Distribuição da massa de moldar	8
Figura 4- Início da exploração da massa de moldar.....	8
Figura 5- Divulgação do projeto de estágio	9
Figura 6- Resultados finais dos desenhos dos locais públicos de Santarém.....	13
Figura 7- Explicação do jogo da glória	14
Figura 8- Realização do jogo da glória	14
Figura 9- Divulgação do projeto de estágio	15
Figura 10- Recorte das imagens de revistas	20
Figura 11- Pintura do Ecoponto amarelo.....	20
Figura 12- Resultado final dos Ecopontos.....	20
Figura 13- Primeira Etapa, rasgar papel	21
Figura 14- Terceira Etapa, mexer na pasta de papel	21
Figura 15- Realização dos retângulos em pasta de papel	21
Figura 16- Resultados finais dos retângulos em pasta de papel.....	21
Figura 17- Divulgação do projeto de estágio	22
Figura 18- Realização de semiesferas com jornal	25
Figura 19- Colocação do papel higiénico nas esferas.....	25
Figura 20- Pintura do planeta	25
Figura 21- Pintura do planeta Terra	25
Figura 22- Mobile do sistema solar	26
Figura 23- Realização do jogo das pistas	27

Índice de Tabelas

Tabela 1- Código de identificação das crianças do JI e do 1.º CEB	39
Tabela 2- Código de identificação das educadoras do JI e das professoras do 1.º CEB	39
Tabela 3- Código de identificação das docentes do ensino superior	40
Tabela 4- Análise das entrevistas das crianças do JI e 1.º CEB.....	40
Tabela 5- Análise das entrevistas das crianças do 1.ºCEB.....	41
Tabela 6- Análise das entrevistas das educadoras do JI, das professoras do 1.º CEB e das docentes do ensino superior	43

Lista de Siglas e Abreviaturas

UC	Unidade Curricular
PES	Práticas de Ensino Supervisionadas
JI	Jardim de Infância
CEB	Ciclo do Ensino Básico
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
CAA	Centro de Apoio à Aprendizagem
AEC	Atividades de Enriquecimento Curricular
NE	Necessidades Educativas

Introdução

O relatório que aqui se apresenta tem como objetivo a obtenção do grau de mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e está inserido no âmbito da Unidade Curricular (UC) “Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II”.

Este trabalho tem como intuito documentar o percurso desenvolvido ao longo do mestrado realizado, bem como as diversas aprendizagens adquiridas, as dúvidas e as questões que foram surgindo. Ao longo do mestrado foram realizados diversos estágios, em diferentes contextos educativos: o primeiro em creche, de seguida jardim de infância e, por último, no 1.º CEB (primeiro numa sala de 1.º ano de escolaridade e depois numa sala de 3.º ano de escolaridade).

A formação inicial dos docentes deve ser contínua ao longo da vida profissional, visto que é uma mais valia no decorrer das mudanças das práticas de ensino e aprendizagem. Deste modo facilitará a compreensão e continuidade dos diferentes níveis de ensino.

Quanto à estrutura do relatório, este encontra-se dividido em duas partes.

Na primeira parte é desenvolvida uma síntese dos estágios efetuados, referindo-se as características físicas e humanas de cada local de estágio, nomeadamente, a caracterização do ambiente educativo, da sala e do grupo de crianças. São ainda apresentados os projetos desenvolvidos em cada estágio, os seus objetivos, sendo ainda destacadas duas atividades e a avaliação dos projetos. Para terminar, é apresentado o meu percurso de desenvolvimento profissional, onde estão referidas algumas das minhas aprendizagens, estratégias utilizadas, medos e dificuldades sentidas.

A segunda parte contempla o exercício investigativo, onde damos conta do estado de arte sobre o tema “O processo de transição das crianças da educação Pré-escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico”, começando por apresentar uma revisão da literatura, onde é abordada uma breve perspetiva histórica da educação em Portugal. Seguidamente é definido o conceito de transição, utilizado diversos autores e, por fim, é referido o papel dos docentes nas (des)continuidades, tanto a nível do pré-escolar, como a nível do 1.º CEB. De seguida, é apresentada a pertinência do estudo e são apresentados os aspetos metodológicos adotados, inclusive as questões-orientadoras, os objetivos, a natureza do estudo, os instrumentos utilizados e os respetivos participantes do mesmo.

Como forma de obtenção de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas a educadoras de infância, a professoras do 1.º CEB, a docentes do ensino superior e a crianças do jardim de infância. Foi, ainda, realizado um *focus group* às crianças do 1.º CEB. Nesta sequência, apresentam-se e analisam-se os dados, onde são comparadas as respostas das várias fontes, extraíndo-se uma conclusão final do estudo investigativo.

Para finalizar este trabalho são apresentadas as considerações finais, onde é feita uma reflexão de todo o percurso do mestrado, nomeadamente, as contribuições que este terá no meu futuro profissional.

“Uma criança, um professor, um livro e um lápis podem mudar o mundo”

Malala Yousafzai

Parte I - Caracterização das Práticas de Ensino Supervisionadas

1. Apresentação dos Estágio Realizados

1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche

Caraterização da instituição

A minha primeira prática profissional supervisionada (PPS) realizou-se em Creche numa Instituição de Solidariedade Social no concelho de Almeirim, distrito de Santarém, que se encontra integrada na região estatística (NUTSII) do Alentejo e na sub-região estatística (NUTSIII) da Lezíria do Tejo.

A instituição encontra-se inserida em ambiente rural, sendo o seu objetivo apoiar as famílias, satisfazendo as necessidades e interesses das crianças nas diferentes etapas do seu desenvolvimento, colaborando com os pais no sentido de educar e manter a saúde dos seus filhos, assim como proporcionar o bem-estar social das crianças.

A instituição foi fundada em maio de 1985, com várias valências, onde se destacam as valências de creche e jardim de infância, estando as instalações divididas da seguinte forma:

- Creche - composta por quatro salas, distribuídas por sala dos 4 aos 12 meses, sala com crianças de 1 ano, sala dos 2 anos e a sala familiar (crianças de 1 e 2 anos que não tiveram lugar na sala de origem);
- Jardim de Infância - dividido por três salas, sala dos 3 anos, sala dos 4 anos e a sala dos 5 anos.

A instituição tem ainda um serviço de transporte para as crianças que necessitam de transporte diário de casa para a escola e vice-versa, ou para transportar as crianças da escola para o ATL.

O período de funcionamento da creche inicia às 9h30 e termina às 17h00, podendo este horário ser alargado das 7h15 até às 19h30.

A valência de creche tem capacidade para 40 crianças.

O edifício onde está inserida a valência de creche e jardim de infância é composto por duas alas: a ala a direita após a entrada na instituição, tem a valência de creche sendo composta pela sala de berçário, sala para crianças de 1 ano de idade, sala para crianças de 2 anos de idade, uma copa e uma casa de banho com acesso ao pátio exterior, um *hall* com mesas e cadeiras, onde o grupo de 1 ano de idade realiza as refeições; a ala da esquerda, onde está inserida a sala familiar (que é composta por crianças de 1 e 2 anos), uma casa de banho, uma sala polivalente, um *hall* e uma entrada de acesso ao pátio exterior. A restante ala é composta por um corredor, com acesso ao refeitório e às três salas da valência de jardim de infância.

Caraterização do ambiente educativo

A minha prática profissional foi realizada na sala com crianças de 1 ano de idade, sendo esta uma sala ampla onde existem pequenas áreas específicas, mas com bastante espaço para as crianças brincarem.

A sala apresentava bastante luminosidade, pois era composta por uma janela grande e uma porta em vidro com acesso ao pátio exterior.

Apesar da boa luminosidade a sala, era bastante fria, pois o chão estava revestido a azulejo, o que tornava o ambiente desconfortável, dificultando o aquecimento da sala.

É preciso ter em conta que este estágio foi realizado durante o inverno e como tal a temperatura ambiente era bastante baixa no interior da sala. Durante a minha permanência na instituição, o pátio exterior, bastante agradável, nunca foi utilizado pela educadora cooperante, contudo a mesma referia que assim que o tempo melhorasse as crianças iriam usufruir do espaço.

Na sala encontravam-se disponíveis móveis de apoio, tais como um fraldário, um armário de arrumações, um roupeiro onde se colocavam as camas e os respetivos lençóis de cada criança, e ainda uma mesa apropriada ao tamanho das crianças.

Para além dos móveis, existiam no chão duas áreas de tapetes, sendo uma destas áreas composta por almofadas individuais pertencentes a cada criança. Por cima desta zona, estava colado um espelho na parede, com altura apropriada para que as crianças se reconhecessem nele e uma prateleira com um rádio e um leitor de CD com músicas infantis.

Caraterização do grupo

O grupo da sala de 1 ano era composto por catorze crianças, das quais oito raparigas e seis rapazes, com idades compreendidas entre um ano e dois anos. Do grupo, apenas três crianças estavam pela primeira vez a frequentar a valência de creche.

O grupo apresentava bastante autonomia, relativamente às competências próprias para a idade. Posso referir também que era um grupo bastante calmo, pois a educadora conseguia transmitir calma, serenidade e confiança às crianças.

De uma forma geral, era um grupo bastante ativo, interessado e curioso. Sempre que se introduzia algo novo na sala as crianças não tardavam a mostrar interesse em manusear e observar o novo objeto. Na maioria das crianças já continham a psicomotricidade bastante desenvolvida, pois já eram capazes de manusear e agarrar objetos.

Posso ainda referir que de uma forma geral o grupo já tinha adquirido algumas capacidades motoras, sendo que apenas 3 crianças ainda não andavam, mas já se conseguiam pôr de pé, quando seguras por um adulto ou agarrando um objeto.

A linguagem era uma competência que ainda estava pouco desenvolvida, mas, no entanto, todas as crianças reconheciam o seu nome e de uma forma geral compreendiam o que lhes era pedido.

A nível de desenvolvimento pessoal e social, o grupo mostrava-se bastante egocêntrico, o que influenciava as relações entre crianças e a partilha de objetos.

Segundo Guedes e Barros (2010), Na teoria de Piaget a criança nesta faixa etária encontra-se no estágio sensório-motor, etapa que vai desde o nascimento até aos dois anos de idade. Neste estágio a criança explora o mundo que a rodeia através dos sentidos, sendo que as suas ações não são intencionais e as aprendizagens ocorrem através de reflexos.

No decorrer da implementação de algumas atividades pude observar que existiram crianças que mostraram medo e recreio, pelo que eu e a minha colega tentávamos realizar as atividades de outras maneiras, de modo a que estas crianças se sentissem mais confiantes, sem a sensação de medo. Adotamos a estratégia de em primeiro dar a conhecer os materiais que compoñham a atividade e só depois realizar a mesma.

Neste grupo todas as crianças dormiam a sesta durante todo período de tempo estipulado para esse efeito.

1.1.1. Projeto de estágio

A prática de ensino supervisionada (PES) teve início a 28 de novembro de 2017 e conclusão a 19 de janeiro de 2018, tendo ocorrido a interrupção das férias de natal entre 18 de dezembro e 2 de janeiro de 2018.

O projeto desenvolvido ao logo da prática intitulou-se “Descobrimdo o mundo à sua volta – Os 5 sentidos” estando integrado no projeto anual de sala que assentava no projeto pedagógico da instituição intitulado “O mundo animal”, que pretendia sensibilizar as crianças para a descoberta do mundo que as rodeia, permitindo deste modo o desenvolvimento dos 5 sentidos – a audição, a visão, o paladar, o olfato e o tato.

Este projeto englobou todas as áreas de conteúdos, trabalhando-as em conjunto, através de atividades lúdicas, proporcionando à criança um desenvolvimento global.

Os principais objetivos deste projeto foi proporcionar às crianças novas experiencias e vivências, através de exploração de novos objetos e instrumentos, aprendendo também a conviverem em grupo.

As planificações foram elaboradas tendo em conta as características e as necessidades do grupo, sendo adequadas a cada criança especificamente.

Com a realização deste projeto pudemos desenvolver confiança, estimular a comunicação verbal das crianças. As atividades tiveram lugar durante o momento de brincadeira livre, sendo que é através da brincadeira que as crianças desenvolvem o domínio pessoal e social, cognitivo e motor.

O presente projeto teve por base dois modelos pedagógicos, pois eram os que a educadora seguia na sua sala. O movimento da escola moderna que, segundo Niza (1996), é um modelo pedagógico centrado nas crianças, tanto nas suas necessidades como nos seus interesses, onde desenvolve a pessoa enquanto ser social, que pertence a um grupo/ turma.

O modelo pedagógico *High Scope* que, segundo Formosinho (1996), se baseia no desenvolvimento natural das crianças, permitindo-lhes experienciar o Mundo, tendo assim uma aprendizagem ativa.

No decorrer das minhas semanas de intervenção, foram realizadas diversas atividades no âmbito deste projeto. Começo por destacar duas atividades, uma que a meu ver correu melhor e outra menos bem. Foram elas:

- Primeira atividades – Tapete sensorial;
- Segunda atividade – Massa de moldar.

A primeira atividade que destaco, foi a introdução de um tapete sensorial. Este foi criado por mim, para uma unidade curricular, com a finalidade de ser usado em contexto de estágio. No anexo I encontra-se a planificação desta atividade. O tapete é composto por diversos materiais, tais como: botões, um bocado de uma manta, esponjas de banho, corda, pompons, um painel a imitar relva e um tapete multiusos.

O tema do nosso projeto foi o desenvolvimento das sensações, pelo que a introdução de um tapete sensorial nos pareceu um bom recurso para desenvolver diferentes perceções, proporcionando à criança a exploração e estimulando a criança a nível sensorial, através do toque de diferentes formas e texturas, contactando com as diferentes cores, permitindo o desenvolvimento da motricidade fina e grossa.

De uma forma geral a atividade foi bem recebida pelo grupo já que assim que viram o tapete eles foram logo ao seu encontro (figuras 1 e 2). Das onze crianças existentes na sala, apenas duas não mostraram interesse logo ao início, mas assim que o tapete ficou mais livre foram explorá-lo. A atividade durou cerca de 30 minutos, depois o grupo perdeu o interesse, o que é normal nesta faixa etária.

Ao longo da atividade estive sempre junto das crianças a explorar com elas o tapete e a desenvolver a comunicação e a relação adulto-criança.

Após a realização da atividade, apercebi-me que o tapete deveria ser maior para o número de crianças existentes na sala, assim como poderia ter mais texturas, materiais e cores. Foi notório que as crianças se interessaram mais pelos materiais que eram mais coloridos.

Os materiais que escolhi foram uma boa escolha, apesar de terem existido materiais que as crianças se interessaram mais, como foi o caso das esponjas de banho, do tapete de relva falsa e dos botões. A construção do tapete foi pensada de modo a ser segura, visto que nenhum dos materiais se descolou ou desprendeu.

O tapete permaneceu na sala até ao fim do estágio. Ao longo desse período, as crianças continuaram a explorar o tapete, inclusivamente conseguiram desfazer as esponjas de banho e retiraram algumas espumas coloridas que estavam inseridas dentro delas.

Considero que todas as crianças atingiram os objetivos propostos, sendo eles: desenvolver as diferentes possibilidades de perceções; explorar diversos materiais e

superfícies; explorar sensações a partir da experimentação de movimentos sobre o tapete sensorial. Esta atividade foi avaliada através da observação direta, pelo registo fotográfico e por notas de campo.



Figura 1- Exploração livre do tapete sensorial



Figura 2- Exploração do tapete sensorial com a estagiária

A segunda atividade que destaco foi a exploração da massa de moldar. Esta atividade foi criada para desenvolver a motricidade fina, a coordenação motora e exploração de novas texturas (figuras 3 e 4). A planificação desta atividade consta do anexo II.

A massa de moldar foi previamente feita por mim. O preparado da massa de moldar continha farinha, água, vinagre, óleo, sal fino e corante alimentar, pelo que todos os ingredientes utilizados eram comestíveis. Uma vez que na sala as crianças tinham apenas um ano de idade, é uma questão essencial que o preparado possa ser digerido, pois a tendência de algumas crianças é comerem ou levarem a massa à boca.

A atividade não correu como esperava visto que, embora colorida, a massa não chamou a atenção dos mais novos; apenas os mais crescidos mexeram na massa inicialmente. Com algum esforço e a ajuda da educadora, da auxiliar e da minha colega de estágio, conseguimos que os mais novos também brincassem e sentissem a textura da massa.

Constatei que provavelmente esta atividade seria mais direcionada para crianças um pouco mais velhas, talvez a partir dos dois anos de idade. As crianças com um ano de idade ainda não conseguem aproveitar ao máximo as propriedades do material utilizado.

Foi importante perceber que nem sempre as atividades correm como planeado e que só com a prática é que conseguimos compreender se uma atividade é mais ou menos adequada à faixa etária.

Para além do propósito de exploração da textura do material, foi também introduzida a utilização de moldes, o que representou uma mais-valia, tendo-se verificado maior interesse na sua utilização, havendo crianças a pedir para experimentarem determinado molde. De

notar que houve uma criança que esteve completamente envolvida na atividade. Esta criança foi a mais velha da sala, completava dois anos de idade no mês de janeiro.

Contudo, a atividade desenvolveu os objetivos propostos e ainda desenvolveu a interação adulto-criança, que nesta atividade foi essencial para a sua concretização.

Esta atividade foi avaliada através da observação direta, pelo registo fotográfico e por notas de campo.



Figura 3- Distribuição da massa de moldar



Figura 4- Início da exploração da massa de moldar

Ainda relativamente à avaliação do projeto, refiro que todas as planificações foram realizadas tendo em conta as necessidades e características do grupo. Ao longo da prática existiu a necessidade de realizar alterações tanto ao nível do horário como a nível de conteúdo e forma de realização, respeitando os ritmos e as especificidades de cada criança.

Durante as nossas semanas de intervenção utilizámos alguns métodos de avaliação, tais como: observação direta, registo fotográfico, registo de vídeo e grelha de registo.

Através da utilização dos métodos de avaliação, foi possível perceber que ao longo do curto tempo de estágio as crianças evoluíram a nível de comunicação e de convívio entre elas. Ressalto o caso de uma criança que no início do estágio apenas chorava quando outras crianças chegavam perto dela e que no final do mesmo essa condição acabou por desaparecer, começando a interagir com os restantes elementos do grupo.

Utilizámos a observação direta para as reflexões semanais das nossas intervenções, apresentando também algumas fotografias que foram tiradas durante as atividades realizadas. Foram utilizadas grelhas de registo para assinalar o bem-estar das crianças e o envolvimento delas com os instrumentos introduzidos.

Antes de implementar cada atividade, existia sempre uma conversa com a educadora cooperante. Para divulgar o nosso projeto na instituição montámos um painel com algumas fotografias tiradas ao longo de cada semana (figura 5).



Figura 5- Divulgação do projeto de estágio

O painel ficou no exterior da sala para os pais verem as atividades desenvolvidas com as crianças e ser possível darem-nos a sua opinião. Recebemos muitos elogios da parte dos pais, o que foi gratificante para nós enquanto futuras educadoras ou professoras.

1.2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância

Caraterização da instituição

A instituição localiza-se na capital do distrito de Santarém, situada na província do Ribatejo, na região estatística do Alentejo (NUTS II) e na sub-região estatística da Lezíria do tejo (NUTS III), na freguesia de São Nicolau, no Bairro de São Domingos. A instituição é particular de solidariedade social sem fins lucrativos.

A instituição recebe crianças dos três meses aos seis anos de idade e tem as valências de creche e jardim de infância, distribuídas da seguinte forma:

- A valência de creche está dividida por três salas: a sala do berçário, a sala de um ano e sala dos dois anos.
- A valência de jardim de infância está dividida por três salas: a sala dos três anos, a sala dos quatro anos e a sala dos cinco anos.

A instituição inclui áreas comuns a todos os utilizadores: o recreio, e o refeitório, que é frequentado pelas crianças da sala dos dois anos e pelas salas do jardim de infância. Todas as salas, da creche e do jardim de infância, têm acesso direto para o exterior.

O espaço exterior é composto por uma zona ampla, existindo uma zona com baloiços, uma zona com uma piscina e uma zona com espaços verdes.

Um fator agradável das instalações é que são bastante ricas em luz natural devido à existência de grandes janelas e claraboias no teto.

O horário de funcionamento é de segunda a sexta, das 7h30 às 19h.

O projeto da instituição segue diversos modelos, nomeadamente:

- Modelo da Escola Moderna;
- Modelo Pedagógico Reggio Emilia;
- Modelo Trabalho de Projeto.

Relativamente ao modelo da Escola Moderna, as salas foram equipadas com os seguintes quadros:

- Planificação diária ou semanal;
- Quadro semanal ou mensal de presenças;
- Quadro de registo de tempo;
- Quadro de aniversários.

De acordo com o modelo pedagógico Reggio Emilia, a instituição desenvolve as aprendizagens através dos cinco sentidos utilizando os diversos instrumentos, tais como o corpo, a palavra e o pensamento.

O modelo Trabalho de Projeto é defendido pela instituição, tendo por base o interesse da criança, ou seja, os interesses das crianças que devem ser privilegiados pelo adulto.

Em forma de conclusão, estes modelos ajudam na organização do ambiente educativo e no desenvolvimento de diversas atividades que promovem a aprendizagem das crianças.

Caraterização do ambiente educativo

O meu estágio foi realizado na sala das crianças com 5 anos de idade.

A sala era ampla, com muita iluminação solar e bastante acolhedora. Inseridas neste espaço encontravam-se uma arrecadação e uma instalação sanitária com características próprias para utilização infantil.

A sala apresentava-se dividida em diversas áreas, tais como: área da casinha, área dos jogos de construção, área dos jogos de mesa, área da leitura existindo ainda uma área central, onde se encontravam pequenas mesas, distribuídas de modo a permitir a realização de atividades ou brincadeiras livres, como por exemplo, a execução desenhos ou modelagens. Na sala não existia uma área destinada às ciências, devido a falta de espaço. O único computador da sala esteve sempre avariado durante o período do nosso estágio.

Para além do equipamento mencionado, complementavam a decoração da sala um móvel de apoio para a arrumação de materiais de desenho de cada aluno e folhas brancas para que pudessem realizar desenhos e uma zona com cabides à entrada, onde as crianças colocavam as suas mochilas e casacos.

Nas paredes estavam pendurados diversos quadros:

- O quadro de presenças, onde era realizada diariamente por cada criança a respetiva marcação de presença, com a ajuda da responsável do dia;
- O quadro do tempo e o calendário, que era marcado pelo responsável do dia;
- Um quadro pequeno em ardósia, onde as crianças podiam desenhar;

Nas instalações sanitárias existiam três sanitas e cinco lavatórios, um deles direcionado para os adultos e os respetivos espelhos. Existia ainda um chuveiro e duas prateleiras para a colocação dos copos de água pertencentes a cada criança.

De acordo com o Despacho n.º 268/97, de 25 de agosto, as instalações sanitárias para as crianças devem possuir uma sanita para cada dez crianças. Posto isto, podemos afirmar que a sala tem todas as condições para ter vinte e três crianças.

A rotina diária era composta por um momento de conversa de manhã, seguido da hora do lanche da manhã após o qual eram realizadas as atividades orientadas. Da parte da tarde existia um momento de conversa e de seguida, por norma, brincadeira livre nas diversas áreas ou no recreio.

Caraterização do grupo

O grupo era constituído por um total de vinte e três crianças, sendo doze meninas e onze meninos, com idades compreendidas entre os cinco e os seis anos. No grupo existia uma criança que estava a frequentar pela segunda vez a sala dos cinco anos.

Era um grupo bastante autónomo e com grande interesse em aprender, principalmente em saber os significados das palavras que ainda não conheciam. Contudo ainda demonstravam algumas limitações a nível da formação pessoal e social, existindo crianças que ainda não conseguiam respeitar os outros e não tinham uma atitude crítica perante o que se passava à sua volta.

Neste grupo específico considerámos ser necessária a aplicação de estratégias que os ajudassem a ter controlo no comportamento. Foram utilizados alguns métodos, como a conversa, quando pretendíamos que se sentassem no tapete soletrávamos *ta-pe-te* e o grupo já sabia que tinha de se sentar sossegado e com atenção.

Outros tipos de estratégias que utilizamos, foram o parar a atividade para trabalhar valores, colocar o grupo ou elementos que estavam em conflito ou em comportamento desadequado a refletirem sobre as suas ações.

As áreas da sala mais exploradas pelas crianças eram a área da casinha e área dos jogos de construção; a nível de áreas de conteúdo as que as crianças gostavam mais eram a de expressão e comunicação e o domínio das expressões artísticas.

1.2.1. Projeto de estágio

A prática de ensino supervisionada (PES) decorreu no período entre 28 de novembro de 2017 e 19 de janeiro de 2018, tendo sido interrompido nas férias de natal, entre 18 de dezembro e 2 de janeiro de 2018.

No estágio de jardim de infância realizámos um projeto denominado “Conhecer Santarém”. A implementação deste projeto foi ao encontro das necessidades e interesses do grupo, sendo eles a importância de conhecer o local onde residam, pois mais de metade do grupo tinha essa fragilidade e como forma de a combater tivemos em conta os seus interesses, tais como a realização de atividades apelativas, de modo a incentivar as crianças a querer saber mais e aprender mais sobre o seu local de residência.

Sendo já um grupo da sala dos 5 anos, considerou-se importante desenvolver o conhecimento do local onde residiam, pois na semana de observação foi possível ver que a maioria das crianças da sala não conheciam nem eram capazes de identificar a cidade onde residiam.

A partir das OCEPE (2016), na Área do Conhecimento do Mundo no domínio da Abordagem às Ciências e subdomínio do Conhecimento do mundo social, constatámos que “*conhecer elementos centrais da sua comunidade, realçando aspetos físicos, sociais e culturais*” (p.89) é um objetivo a atingir no pré-escolar, pelo que, devido às necessidades e interesses do grupo optamos por desenvolver este tema, através da realização de atividades lúdicas que proporcionaram às crianças novas vivências e o convívio em grupo.

Este projeto englobou todas as áreas de conteúdos, sendo elas trabalhadas em conjunto, de modo a proporcionar uma melhor aprendizagem do grupo a nível global.

Com a realização deste projeto pretendeu-se desenvolver diversos temas ao longo da sua implementação, nomeadamente:

- A Identificação da cidade onde residem;
- O conhecimento das tradições da cidade de Santarém, tais como o traje de campino e a dança do fandango;
- Conhecer monumentos da cidade de Santarém, tais como a Torre das Cabaças, Convento de São Francisco e o Mercado Municipal;
- Conhecer pratos e doces típicos de Santarém.

Nas minhas semanas de intervenção apresentei os monumentos da cidade e realizei atividades que englobavam os diversos tópicos desenvolvidos no projeto. Segundo as atividades realizadas, destaco duas:

- Primeira atividade – Conhecimento de alguns locais públicos de Santarém;
- Segunda atividade – o jogo da Glória adaptado ao tema “Descobrir Santarém”.

A primeira atividade que destaco foi o conhecimento de alguns locais públicos de Santarém, que surgiu no seguimento da atividade anterior, sendo a realização de um cartão para o dia da mãe, onde se referiu os correios. A planificação desta atividade encontra-se no anexo III.

Nesta atividade estiveram presentes as seguintes áreas de conteúdo: a área do conhecimento do mundo, abordando o conhecimento do mundo social; área da expressão e comunicação, nomeadamente o domínio da Linguagem oral; e abordagem à escrita e o domínio da educação artística.

Como principais objetivos destaco: usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente e de modo adequado à situação; desenvolver capacidades

expressivas e criativas através de produções plásticas (locais públicos); estabelecer relações entre a escrita e a mensagem oral.

A atividade foi introduzida no momento do tapete, no período da manhã, com a apresentação de imagens de locais conhecidos da cidade de Santarém. Era questionado às crianças se conheciam a imagem e se sabiam identificar os nomes e a localização das imagens apresentadas. Durante este momento as crianças estiveram bastante participativas e motivadas, sendo até necessário interromper a conversa para realizar um momento de relaxamento.

Após a realização desta primeira parte foi chamada uma criança de cada vez para se sentar na mesa, onde foi pedido que repetisse o que tinha aprendido no momento do tapete; à medida que a criança referia as suas aprendizagens, estas foram apontadas numa folha A4.

De seguida, foi pedido à criança que escrevesse o seu nome e que preenchesse a folha com um desenho de um dos locais à sua escolha.

Para finalizar a atividade foi distribuída uma caixa com diversas letras recortadas, sendo pedido que procurasse as letras correspondentes ao nome do local escolhido e que fossem coladas na sua folha. Este momento da atividade pretendeu desenvolver o conhecimento das letras do alfabeto.

Ao longo da realização desta atividade (figura 6) todas as crianças se mostraram interessadas e envolvidas na sua realização, podendo assim concluir que foi uma atividade com sucesso e muito enriquecedora para as crianças.

Como forma de avaliar esta atividade foi utilizada uma grelha de observação, tendo por base os objetivos acima referidos, o registo fotográfico e a observação direta.



Figura 6- Resultados finais dos desenhos dos locais públicos de Santarém

A segunda atividade desenvolvida foi o jogo da glória adaptado ao tema “*descobrir Santarém*”. No anexo IV encontra-se a planificação desta atividade. Para a realização deste jogo foram criados 4 grupos, previamente pensados por mim e pela minha colega e discutidos com a educadora (figura 7 e 8).



Figura 7- Explicação do jogo da glória



Figura 8- Realização do jogo da glória

Com esta atividade pretendeu-se abordar as seguintes áreas de conteúdos: área da expressão e comunicação no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, nomeadamente a comunicação oral; domínio da educação física; domínio da matemática. Como objetivos tinha o conhecer elementos centrais da sua comunidade, realçando aspetos físicos, sociais e culturais e o cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.

Para a realização desta atividade utilizei o jogo da glória recriado num pano de 2 metros por 2 metros e um dado realizado for mim em feltro. O jogo continha casas onde se podia lançar o dado outra vez, casas onde existiam perguntas.

Esta atividade estava pensada para ser realizada no período da manhã, contudo esse tempo não chegou para que todos os grupos a realizassem, pelo que houve necessidade de a continuar durante o período da tarde.

O jogo foi realizado por um grupo de cada vez, enquanto as restantes crianças se encontravam em brincadeira livre dentro da sala com a educadora cooperante e a auxiliar de ação educativa.

As perguntas incidiram sobre o tema do projeto “Descobrir Santarém”. Esta atividade foi realizada na minha segunda semana de intervenção, pelo que já tinham sido abordados quase todos os tópicos do tema e, como tal, a realização deste jogo serviu como revisão e avaliação.

Durante a realização desta atividade deparei-me com alguns obstáculos, sendo um deles o tempo de duração do jogo. A forma como tinha pensado realizar o jogo demorava muito tempo o que levou a que as crianças começassem a ficar cansadas. Para ultrapassar este obstáculo, alterei as regras, de modo a que as crianças tivessem oportunidade de lançar mais vezes o dado, o que fez com que o jogo fosse mais dinâmico e mais divertido.

O outro obstáculo foi o calor que se fez sentir na cidade de Santarém neste dia, uma vez que esta atividade foi realizada no exterior. Após o primeiro grupo realizar a atividade houve a necessidade de alterar o jogo para um lugar a sombra.

De um modo geral o jogo correu muito bem, constatámos que as crianças se mostraram empenhadas e motivadas. No final do dia questionei as crianças se tinham gostado da atividade e elas responderam que sim, perguntando quando é que podiam repetir o jogo.

Posso ainda concluir que de um modo geral o grupo e as crianças atingiram os objetivos pensados para esta atividade, pois todas conseguiram responder corretamente às perguntas sobre a cidade de Santarém.

As atividades do projeto foram avaliadas através de diversos métodos, tais como: observação direta e indireta, registo das opiniões das crianças, produções das crianças e registo fotográfico, grelhas de observação, que foi preenchida pela minha colega de estágio durante as atividades.

Ao longo da prática foram realizadas algumas alterações das planificações consoante a rotina das crianças e as suas necessidades, ajustando e respeitando o seu ritmo e as suas especificidades.

Consoante a avaliação do projeto, considero que as diversas planificações estavam adequadas ao grupo e que as atividades abrangeram as várias áreas de conteúdos, de acordo com as OCEPE.

Na última semana de estágio elaborámos um dossier com a intervenção das crianças, descrevendo as opiniões delas relativamente a cada atividade realizada, as planificações das atividades e imagens das produções das crianças, este permitiu a avaliação do nosso projeto de estágio.

Podemos assim afirmar que os objetivos específicos definidos para o nosso projeto foram atingidos, através de uma análise aos pontos em cima referidos.

Outra forma de avaliar que consideramos importante e adequada aos nossos objetivos, foi a realização de perguntas às crianças. Estas perguntas foram feitas durante a realização das atividades, com o objetivo de avaliar o envolvimento das crianças nas mesmas. As questões foram registadas ao longo das semanas envolvendo assim todas as atividades.

O nosso projeto foi divulgado através da montagem de um *placard* (figura 9) que estava previsto ser montado no *placard* exterior da sala, mas como não foi possível, teve de ser montado no placard dentro da sala.



Figura 9- Divulgação do projeto de estágio

Esta montagem foi realizada com a ajuda das crianças; à medida que íamos montando os desenhos íamos colocando algumas questões sobre o que as crianças aprenderam, tais como: qual é o nome deste monumento?; que doce tradicional é este?; qual foi esta atividade?, e percebemos que o grupo adquiriu alguns conhecimentos sobre a sua cidade.

1.3. Prática de Ensino Supervisionada em 1.º CEB – 1.º ano de escolaridade

No âmbito dos dois estágios realizados no 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), estes foram realizados na mesma instituição.

Caraterização da instituição

A instituição onde foi realizada a nossa prática de ensino supervisionada em contexto de 1.º CEB pertence a um agrupamento situado no distrito de Santarém. Este agrupamento foi constituído em 2003 e a sua sede foi inaugurada a 16 de setembro de 2013.

O Projeto Curricular deste agrupamento tem como principais objetivos assegurar a formação geral das crianças e garantir condições para que estes possam desenvolver as suas capacidades e aptidões.

Assim, este agrupamento tem como objetivo principal contribuir para o sucesso educativo, e desta forma, a organização e a gestão do currículo dos Ensinos Básico e Secundário centrando-se em diversos princípios orientadores.

Este agrupamento é composto por jardim de infância, quatro escolas de 1.º ciclo, uma escola de 2.º ciclo, duas escolas de 3.º ciclo e uma escola de secundário. No total este agrupamento tem 2146 crianças, distribuídos por 94 turmas a funcionarem nas sete escolas do agrupamento.

A instituição foi adaptada para funcionar como escola de 1.º CEB há cerca de seis anos, tendo sido modificados os seus espaços, de modo a ser mais acolhedora e simpática. Professores e pais ajudaram a modificar a escola, através de pinturas nas portas e nos espaços exteriores, pois anteriormente era uma escola de 2.º e 3.º ciclos.

Esta instituição pertence à rede pública do ensino oficial, dependendo pedagogicamente do Ministério da Educação.

No ano letivo de 2018-2019, frequentavam esta escola 320 crianças. Estes alunos encontravam-se distribuídos por quinze turmas, sendo três do 1.º ano, três do 2.º ano, quatro do 3.º ano, quatro do 4.º ano e uma de 3.º e 4.º anos de escolaridade, sendo que uma das turmas de 3.º ano tem uma aluna a realizar trabalho de 2.º ano.

No que diz respeito ao pessoal docente a trabalhar nesta escola, este era constituído por quinze docentes titulares de turma, quatro docentes de educação especial e três docentes

de apoio socio educativo. Existiam ainda quatro técnicos especializados - um psicólogo, dois terapeutas da fala e um terapeuta ocupacional.

No agrupamento existia uma coordenadora para tratar dos assuntos de coordenação e gestão da instituição.

Relativamente ao pessoal não docente, existiam dez operacionais, sendo oito assistentes operacionais e dois porteiros, responsáveis pelo controlo das entradas e saídas dos alunos na escola. É também pertinente dizer que eram estes oito assistentes operacionais que eram responsáveis por efetuar os trabalhos de limpeza das instalações.

A escola é constituída por três blocos, cujas valências se distribuem da seguinte forma: O primeiro bloco é constituído pelo refeitório das crianças; O segundo bloco é constituído por dois pisos. No piso de rés-do-chão, há uma reprografia, uma sala de professores com uma sala de refeições, uma sala de Centro de Apoio à Aprendizagem (CAA), duas arrecadações, sanitários das crianças e sanitários do pessoal docente e não docente, uma sala do pessoal não docente e cinco salas de aulas. No primeiro piso existe uma biblioteca escolar, dez salas de aulas, uma sala de apoio escolar, a sala da coordenadora e uma arrecadação; O terceiro bloco é um pavilhão pré-fabricado, em que uma das salas é utilizada para as AEC e o restante espaço serve para arrumos.

O espaço exterior é amplo e rodeia todo o segundo bloco. Este é todo vedado com rede. Ao longo deste espaço, pode observar-se jogos desenhados/pintados no chão, para que as crianças da escola possam brincar e ter momentos de brincadeira lúdicos e ao ar livre, sem necessitar de objetos.

Ainda neste espaço há um campo de futebol, dois terraços e um espaço para realizar salto em comprimento.

Caraterização do ambiente educativo

A sala de aula do 1.º ano de escolaridade, onde foi realizada a minha prática, tinha uma área ampla, arejada e com bastante iluminação natural. No entanto, devido à incidência da exposição solar sobre o projetor do quadro interativo, na maioria das vezes os estores tinham de permanecer fechados, sendo necessário utilizar a iluminação artificial para se visualizar as projeções.

A sala era composta por mesas de dois lugares que continham uma prateleira. Por baixo das mesas havia um espaço para guardar os manuais escolares das crianças.

Existia ainda uma mesa específica para a professora, com um computador e duas mesas de apoio, uma com materiais manipuláveis para as crianças utilizarem e outra com materiais para a professora utilizar.

Numa das mesas estava pendurado um conjunto de pá e vassoura para as crianças usarem autonomamente, sempre que tal se justificasse.

Numa das paredes da sala existia um cabide e quatro armários de apoio, onde estavam guardados os materiais escolares das crianças e os materiais de apoio da professora.

Nas paredes existia um quadro interativo e um quadro magnético de canetas; ao longo da sala existiam quadros de cortiça para expor pósteres da matéria lecionada e trabalhos realizados pelas crianças. No centro da sala e de um lado ao outro existia um fio com *clips* para colocar eventuais trabalhos manuais.

De um modo geral a sala encontrava-se bem organizada, sendo importante referir que todas as crianças tinham uma boa visibilidade para o quadro e para a professora cooperante. Esta encontra-se virada para as crianças, sendo que deste modo consegue visualizar com clareza as mesmas.

Caraterização do grupo

O grupo era constituído por vinte e quatro crianças, sendo onze raparigas e treze rapazes, com idades compreendidas entre os cinco e os sete anos de idade.

Todas as crianças estavam bem integrados quer na instituição quer na turma. Existia uma criança com epilepsia, um aluno que era acompanhado na terapia da fala, e ainda uma criança referenciada para ser acompanhada na terapia da fala.

O grupo era bastante autónomo, responsável pelos seus próprios haveres, tinham um comportamento adequado na sala de aula, contudo, ainda não tinham a capacidade de concentração totalmente adquirida, dispersando-se bastante em momentos mais práticos.

Na sua maioria foi um grupo participativo, com uma grande capacidade de compreensão relativamente aos novos conteúdos abordados em sala de aula.

Neste grupo existiam cinco crianças referenciados para o apoio educativo especializado a nível do português. Estas podiam ir alternando com outros ao longo do ano letivo, consoante a evolução e as dificuldades apresentadas no decorrer das aulas. Se a professora de apoio constatasse que a criança já não necessitava de apoio especializado, este podia sair do mesmo dando a vez a um outra que necessitasse mais deste.

Sendo o apoio realizado numa sala própria com uma professora específica, durante 1h30min, no decorrer da aula de Português às terças feiras e quintas feiras.

1.3.1. Projeto de estágio

Este projeto surgiu após uma atividade realizada com a professora cooperante, tendo por base o projeto de turma, intitulado “Projeto de Educação para a Saúde”. O projeto que foi desenvolvido durante a prática de ensino supervisionada intitulou-se: “A saúde do nosso corpo e do nosso planeta”.

O nosso projeto visou interligar a saúde alimentar e ambiental, pois é necessário que exista um equilíbrio entre estas duas vertentes, de modo a mostrar que o que se consome se

interliga com o que se produz, ou seja, é importante transmitir às crianças que quanto mais lixo se consumir mais se produz.

Na exploração deste projeto pretendíamos atingir determinados objetivos:

- Definir alimentação saudável;
- Recordar a roda dos alimentos;
- Diferenciar frutas, verduras e legumes;
- Destacar que os resíduos produzidos provêm do que consumimos;
- Compreender “boas” práticas alimentares e exercício físico;
- Definir e explicar o conceito de reciclagem;
- Incentivar à reciclagem.

Ao longo do estágio realizámos atividades que abrangiam diversas áreas de conteúdo, tais como o português, a matemática, o estudo do meio e as expressões, nomeadamente a expressão plástica, a dramática, a música/dança e a expressão físico-motora. Estas atividades incidiram em conversas em grupo, na realização de gincanas, na criação dos ecopontos, na elaboração de desenhos e na realização de pasta de papel.

Este projeto foi implementado essencialmente na área de expressões, a pedido da professora cooperante devido à falta de tempo sentida para a realização de atividades nesta área, de conteúdos extremamente importantes. Era também pretendido desenvolver o trabalho cooperativo entre as crianças, visto ser uma turma de 1.º ano de escolaridade, de modo a facilitar os relacionamentos e interações entre todos as crianças da turma.

No decorrer da prática de ensino supervisionada, tive a oportunidade de intervir durante duas semanas onde realizei diversas atividades, sendo que destaco duas:

- Primeira atividade – “Vamos reciclar”;
- Segunda atividade – Pasta de papel

A primeira atividade, intitulada como “Vamos reciclar”, tinha como objetivos:

- Aprofundar o tema da reciclagem;
- Desenvolver a sensibilidade para a reciclagem;
- Conseguir identificar as cores dos ecopontos e os respetivos conteúdos.

Esta atividade enquadrava-se no tema do nosso projeto, da disciplina de estudo do meio, no bloco 3 – “À descoberta do ambiente” e também na disciplina de expressão plástica. A planificação desta atividade encontra-se no anexo V.

Esta atividade surgiu de uma conversa anteriormente realizada como o grupo sobre a importância do reciclar, onde foi visualizado um vídeo musical sobre a reciclagem. Após esse momento, o grupo mostrou-se interessado no tema, tendo surgido a ideia, juntamente com a professora cooperante, de colocar ecopontos na sala de aula. Foi decidido realizar apenas um ecoponto azul e um ecoponto amarelo, pois na sala de aula não se utilizava vidro.

A atividade foi desenvolvida por grupos, sendo que dois grupos realizavam as pinturas dos dois ecopontos, o amarelo e o azul, e os outros dois grupos procuravam em revistas

objetos e cores alusivos para colocar respetivamente no ecoponto azul e no ecoponto amarelo (figuras 10, 11 e 12).

No decorrer da atividade foi notório o empenho dos grupos, mas, devido à falta de tempo foi necessário realizar uma pausa na mesma. No dia seguinte foi dada continuidade ao trabalho em curso, mas decidiu-se alterar as tarefas dos grupos, ou seja, os grupos que pintaram passaram a recortar e os que recortaram passaram a pintar, para deste modo dar oportunidade a que todas as crianças realizassem as duas tarefas.

Assim que os ecopontos secaram todos procederam à colagem das imagens recolhidas anteriormente.

No fim da atividade, a professora cooperante arranhou uns sacos de plástico para colocar dentro dos ecopontos para que se pudessem ser utilizados. A partir desse momento, as crianças começaram a fazer a separação do lixo dentro da sala de aula. Foi uma atividade em que as mesmas se empenharam com bastante entusiasmo, tendo sido uma boa maneira de ensinar a reciclar e motivar para a reciclagem.

A avaliação desta atividade foi realizada através da observação direta e registos fotográficos, tendo sido dada especial atenção ao envolvimento dos alunos e aos conhecimentos adquiridos. Foi possível observar no restante período de estágio, que os alunos passaram a utilizar os ecopontos para colocar os resíduos.



Figura 10- Recorte das imagens de revistas



Figura 11- Pintura do Ecoponto amarelo



Figura 12- Resultado final dos Ecopontos

A segunda atividade que destaco foi a realização de pasta de papel, estando inserida na disciplina de estudo do meio e de expressão plástica. No anexo VI encontra-se na planificação da atividade.

Nesta atividade surgiu no seguimento da conversa sobre o tema da reciclagem, tendo como objetivos, a nível da expressão plástica, desenvolver a habilidade tátil e a nível do estudo do meio desenvolver a sensibilidade para a reciclagem, dando a conhecer uma das possíveis transformações do papel, permitindo constatar que os materiais reciclados podem ser reaproveitados.

Esta foi dividida em diversas etapas: na primeira etapa era pedido às crianças que rasgassem papel em pequenos pedaços, utilizando os restos de papel que se encontravam no caixote do lixo da sala (figura 13). No decorrer desta etapa eu e a minha colega de estágio sentamo-nos junto dos alunos, realizando a tarefa com eles.

A segunda etapa consistia na junção dos pedaços de papel com água quente. Esta fase da atividade teve de ser realizada por mim, contudo tive o cuidado de a realizar de modo a que as crianças pudessem ver o que estava a acontecer.

A terceira etapa consistia em retirar o excesso de água e juntar cola branca ao papel escorrido. Após mexer esta mistura foi dada a oportunidade a todas as crianças para mexer na pasta de papel (figura 14). De seguida foi pedido que à vez fossem à frente fazer um retângulo pequeno de pasta de papel (figura 15), sendo que era pretendido que após estar seco as crianças levassem para casa (figura 16).



Figura 14- Primeira Etapa, rasgar papel



Figura 13- Terceira Etapa, mexer na pasta de papel



Figura 15- Realização dos retângulos em pasta de papel



Figura 16- Resultados finais dos retângulos em pasta de papel

Contudo, a pasta de papel demorou muito tempo a secar e só foi possível levarem para casa depois do estágio ter terminado. Em conversa com a professora cooperante, foi prometido que assim que a pasta de papel estivesse seca que as crianças a levariam para casa.

A avaliação desta atividade foi realizada através da observação direta, sendo o envolvimento das crianças registado fotograficamente, onde foi possível compreender que foi uma atividade que o grupo gostou e mostrou bastante interesse e entusiasmo na sua realização.

A avaliação do projeto, teve por base os seguintes métodos: grelhas de observação, observação direta e indireta, registo das opiniões das crianças, produções das crianças e registo fotográfico. Considero que o projeto desenvolvido ao longo deste estágio encontrava-se adequado para à respetiva faixa etária, sendo que as atividades foram ao encontro dos conteúdos lecionados neste nível de ensino, assim como ao projeto desenvolvido.

As diversas planificações realizadas foram alteradas consoante as necessidades do grupo e os seus respetivos interesses. No decorrer do período de estágio não foi possível realizar tudo o que foi planificado.

O principal método de avaliação do nosso projeto educativo foram as considerações das crianças, tendo por base os conhecimentos adquiridos ao logo da implementação do projeto. Na recolha dos conhecimentos das mesmas conseguimos compreender que os conteúdos transmitidos foram entendidos e que foram atingidos os objetivos propostos no projeto.

Como forma de divulgar o trabalho desenvolvido durante o período de estágio, foi realizado um cartaz (figura 17), que foi colocado na sala de aula, de modo a visualizarem as atividades que tinham sido realizadas durante este período. No final do estágio cada criança levou para casa um cartaz como forma de divulgar as atividades realizadas aos pais e famílias.



Figura 17- Divulgação do projeto de estágio

1.4. Prática de Ensino Supervisionada em 1.º CEB - 3.º ano de escolaridade

Caraterização da instituição

Esta encontra-se caraterizada no ponto 1.3, uma vez que se trata da mesma instituição.

Caraterização do ambiente educativo

A sala de aula situa-se no piso superior (1.º andar) do edifício, é uma sala ampla, com uma excelente luminosidade, pois uma das paredes é repleta de janelas.

Quanto à disposição das mesas, ao longo da nossa prática de ensino supervisionada, encontravam-se por filas, a mesa da professora situava-se junto das crianças com Necessidades Educativas (NE), de modo a que esta conseguisse prestar maior apoio. Existia uma criança que realizava um trabalho totalmente específico e diferenciado da restante turma, encontrando-se de costas para o quadro, uma vez que todo o seu trabalho era desenvolvido no seu caderno.

Apenas tivemos possibilidade de tirar fotografias à sala na semana após o estágio e nessa altura a professora cooperante tinha colocado a disposição das mesas de maneira diferente, mantendo as crianças com NE junto à sua mesa, à exceção da criança com Perturbação Específica da Aprendizagem da Leitura e da Escrita (Dislexia).

A sala dispunha de dois quadros, um quadro interativo com ligação ao computador disponível numa das mesas de apoio e um quadro de canetas, armários para arrumos, mesas de apoio. Dispostos nas paredes encontravam-se diversos trabalhos manuais realizados pelas crianças.

Caraterização do grupo

O grupo de crianças frequentava o 3.º ano de escolaridade e era constituído por dezoito alunos, sete raparigas e onze rapazes. Este grupo tinha idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos. O grupo tinha redução de elementos, pois existiam três crianças com NE.

Este era bastante interessado, curioso e demonstrava motivação nas diversas atividades que realizava. É de salientar que esta turma se mostrava bastante autónoma, responsável pelas próprios bens, demonstravam um comportamento adequado à sala de aula, mas, no entanto, existiam algumas crianças que não tinham desenvolvido ainda na sua capacidade de concentração na totalidade.

Na sua maioria a turma apresentou-se bastante participativa e compreendia com facilidade os novos conteúdos de aprendizagem, enquanto estes não eram totalmente

entendidos chamavam logo a atenção. As crianças ajudavam-se mutuamente sem que fosse necessário a intervenção dos adultos, cooperando bastante entre todos.

1.4.1. Projeto de estágio

Este projeto foi desenvolvido tendo por base os conteúdos que iriam ser lecionados ao longo do nosso período de estágio. O projeto “O sistema solar”, surgiu após uma conversa com a professora cooperante, no qual nos foi apresentado o que poderíamos lecionar.

O projeto enquadra-se, segundo a Organização Curricular e Programas de Estudo do Meio no Bloco 3 – “À Descoberta do Ambiente Natural“, e compreende os conteúdos relacionados com os elementos básicos do meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo), os seres vivos que nele vivem, o clima, o relevo e os astros.

Através deste tema pudemos enquadrar quase todas as áreas de conteúdos, tais como português, estudo do meio, tecnologias de informação e comunicação (TIC), expressões, nomeadamente a expressão plástica e físico-motora. O tema foi introduzido partindo de um texto do manual, intitulado “Uma aventura espacial”.

Durante a elaboração deste projeto pretendeu-se atingir os seguintes objetivos:

- Definir o que são os astros;
- Conhecer os astros;
- Diferenciar planetas, estrelas e cometas;
- Conhecer os oito planetas do sistema solar, a lua e o sol.

As atividades que destaco são:

- Primeira atividade – Mobile dos planetas;
- Segunda atividade – Jogo das pistas.

A primeira atividade que refiro é a construção do mobile dos planetas, por me ter ocorrido de forma positiva. Foi desenvolvida no âmbito da disciplina de estudo do meio, criando uma interdisciplinaridade com a expressão plástica. No anexo VII encontra-se a planificação da respetiva atividade.

A atividade enquadrava-se no tema do nosso projeto de intervenção e tinha dois níveis de objetivos:

- Nível da expressão plástica - experimentar a leitura de formas visuais em diversos contextos – pintura e escultura, reconhecer e experimentar representações bidimensionais e tridimensionais;
- Nível de estudo do meio - distinguir as estrelas e os planetas.

Esta veio no seguimento do tema do nosso projeto, onde foram explorados os diversos planetas pertencentes ao sistema solar. Deste modo, em conversa com a professora cooperante achou-se interessante a realização de um mobile com os planetas, trabalhando assim as características de cada um deles.

No início da atividade dividiu-se a turma em grupos de dois ou três elementos, responsabilizando cada grupo pela criação de um planeta. A turma foi dividida em sete grupos, e eu e a minha colega ficámos responsáveis por um planeta, também.

Esta atividade foi realizada por etapas, ao longo do período de estágio.

Num primeiro momento, foram realizados os grupos e sorteados os planetas. De seguida foram moldadas semiesferas com papel de jornal (figura 18).

Após a realização das semiesferas, eu e a minha colega com a ajuda das crianças unimos as duas metades das semiesferas de modo a que formasse uma esfera. De seguida foi pedido às crianças que forrassem as esferas com papel higiénico (figuras 19).

Após as esferas estarem secas, as crianças teriam de as pintar consoante as cores dos seus planetas (figuras 20 e 21).



Figura 18- Realização de semiesferas com jornal



Figura 19- Colocação do papel higiénico nas esferas



Figura 20- Pintura do planeta



Figura 21- Pintura do planeta Terra

No decorrer desta atividade as crianças mostraram muito empenho e interesse, pois todos os dias no período da tarde pediam para continuarem a realização do mobile. Contudo, nem sempre era possível, sendo que na última semana de estágio ainda faltava terminar alguns planetas. Até ao fim do estágio os planetas foram concluídos faltando apenas a montagem do mobile. Ficou combinado com a professora cooperante que ela ajudaria as crianças a terminar o mobile, utilizando esse momento para fazer revisões da matéria para o teste de estudo do meio, que iria ocorrer na semana seguinte. (figura 22).



Figura 22- Mobile do sistema solar

A avaliação desta atividade foi realizada através de registo fotográfico, de observação direta e do diálogo com os alunos sobre o sistema solar foi possível avaliar os conhecimentos adquiridos e concluir que os alunos ficaram a conhecer algumas características dos planetas do sistema solar.

A segunda atividade que destaco foi o jogo das pistas (figuras 23), que surgiu devido à necessidade de realizar uma atividade no exterior. A planificação desta atividade encontra-se no anexo VIII. Esta atividade foi também utilizada como revisão dos conteúdos lecionados ao longo das primeiras semanas de estágio, visto que a mesma foi realizada na minha primeira semana de intervenção.

Esta atividade enquadrou-se nas áreas de estudo do meio e de expressão físico-motora, tendo como objetivos:

- Cooperar com os companheiros procurando realizar as ações favoráveis ao cumprimento das regras e do objetivo do jogo;
- Tratar os colegas de equipa e os adversários com igual cordialidade e respeito, evitando ações que ponham em risco a sua integridade física;
- Reconhecer o Sol como fonte de luz e calor;
- Verificar as posições do Sol ao longo do dia (nascente/sul/poente);
- Conhecer os pontos cardeais;
- Distinguir estrelas de planetas (Sol – estrela; Lua – planeta).

A atividade foi realizada em pequenos grupos, previamente distribuídos, onde os alunos teriam de encontrar a pista e responder a uma pergunta. As perguntas eram sobre os conteúdos de estudo do meio que estavam a ser lecionados, ou seja, sobre os astros.

A estratégia utilizada para dar início ao jogo foi ir chamando um grupo de cada vez para explicar as regras do jogo. Esta estratégia não foi a melhor, pois demorou muito tempo, verificando-se que ainda nem todos os grupos tinham iniciado o jogo e outros já o tinham acabado.

Em conversa com a professora cooperante cheguei à conclusão que se tivesse realizado a explicação em grande grupo teria sido mais fácil e rápido.

Apesar da explicação ter sido dada individualmente a cada grupo, existiram ainda alguns percalços, tais como: houve crianças que acharam que as pistas eram para ser

levadas, tirando assim as pistas do sítio; houve grupos que não compreenderam a ordem das pistas e deste modo não conseguiram chegar ao fim do jogo.

De um modo geral a atividade não correu conforme planeado, mas existiram grupos que conseguiram realizar a atividade até ao fim. No fim da atividade existiu uma conversa em grande grupo, onde ficou prometido que se iria realizar novamente o jogo, uma vez que nesta fase já todos as crianças o tinham compreendido. No último dia de estágio foi realizado outro jogo de pistas, sendo que este correu bastante bem e as crianças gostaram muito.



Figura 23- Realização do jogo das pistas

Esta atividade foi avaliada com base nas folhas de respostas das crianças às questões colocadas e através de observação direta do decorrer da atividade.

O principal método de avaliação do nosso projeto de intervenção educativo foi através da realização de um *Quizz*, que a professora cooperante nos forneceu para avaliar se os conteúdos do nosso tema estavam adquiridos por parte da turma. Também através da realização do *mobile* e o *puzzle* do sistema solar, as crianças conseguiam identificar características distintas de cada planeta e identificar a sua ordem.

Através da avaliação do nosso projeto, pudemos referir que os objetivos a que nos propusemos foram atingidos, uma vez que no fim da nossa prática supervisionada as crianças eram capazes de definir astros, identificá-los, caracterizá-los e ordenar os planetas pertencentes ao sistema solar.

Segundo Ministério da Educação (2004), “A avaliação, particularmente neste ciclo, terá de centrar-se na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas, diariamente, nas diferentes áreas que o currículo integra”. (p.25).

A divulgação deste projeto foi realizada através da exposição do *mobile* na sala de aula e dos marcadores de livros que os alunos levaram para casa. Deste modo foi possível apresentar aos pais e às famílias o trabalho realizado.

2. Percurso de Desenvolvimento Profissional

Ao longo do meu percurso ao longo do mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1.º CEB, foram diversas as aprendizagens realizadas, tanto a nível profissional como a nível pessoal. Ao longo deste percurso deparei-me com algumas dificuldades que foram sendo ultrapassadas, levando-me a um notório crescimento profissional.

As unidades curriculares presentes no plano de estudos, foram um grande suporte para uma melhor preparação para a realização dos diversos estágios. Os estágios que frequentei deram-me a oportunidade de aprofundar melhor os meus conhecimentos relativamente às características de cada faixa etária, ajudando-me também a compreender melhor as diversas áreas de cada contexto educativo.

Os estágios contemplaram sempre uma semana de observação, que a meu ver foi essencial para conseguirmos compreender a rotina da instituição, criarmos relações afetivas com as crianças e desenhar o projeto de intervenção. É necessário “observar e envolver-se no brincar das crianças, sem interferir nas suas iniciativas, permite ao/à educador/a conhecer melhor os seus interesses” (OCEPE, 2016, p.11).

No contexto de Creche é importante salientar que o papel do educador é fundamental para um bom desenvolvimento da criança. Segundo Portugal (2012, p.7)

“Bebés ou crianças muito pequenas necessitam de atenção às suas necessidades físicas e psicológicas o que pressupõe uma relação em quem confiem; oportunidade para interação com outras crianças; liberdade para explorar e descobrir o mundo, a experiência de um ambiente seguro e saudável.”

Com a realização do estágio em creche compreendi que este vai muito além de atividades planificadas, pois os momentos da rotina são essenciais para a aquisição de conhecimentos e competências a nível motor, da linguagem, da interação adulto-criança e da interação criança-criança. A rotina é também fundamental para a satisfação das necessidades físicas, afetivas, de segurança, de reconhecimento e de afirmação, assim como de aquisição de significados e valores.

No contexto de jardim de infância o educador deve desenvolver a autonomia, dando a possibilidade a que as crianças tomem decisões e façam escolhas, permitindo deste modo que a criança possa assumir responsabilidades, desenvolvendo valores.

Segundo Santos *et al.* (2010), ensinar é criar situações para que os alunos possam aprender “através de propostas de trabalho, de explicações em redor das dificuldades, de orientações nos processos de trabalho, de incentivos, da avaliação”. (p.84).

Ao longo do estágio que realizei nestas valências, tive sempre em consideração os ritmos individuais de cada criança e as suas rotinas, aproveitando esses momentos para criar relações afetivas com as mesmas.

No contexto do 1.º CEB a ansiedade foi mais sentida, pois é um nível de ensino que requer outra preparação, não só a nível de conhecimentos, mas também a nível de planificações. Estas passam a ser um documento fundamental para o professor, pois são um guião onde estão presentes os conteúdos a serem abordados, as diversas tarefas, os objetivos, as estratégias e a avaliação. Tal como é referido nas OCEPE (2016, P.15)

“Planear implica que o/a educador/a reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização. Planear permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagem não previstas, tirando partido delas.”

Ao longo dos estágios que frequentei compreendi que nem sempre é possível realizar todas as tarefas que temos planificadas, mas também pode acontecer o contrário, ou seja, num determinado momento todas as tarefas propostas terem sido desenvolvidas e ser necessário desenvolver novas. A gestão do tempo é das tarefas mais desafiante enquanto docente, pois requer uma grande capacidade de improviso. Durante os percursos de estágio que desenvolvi, a gestão do tempo foi uma dificuldade com que me deparei em todos. Ao longo do percurso fui melhorando esta dificuldade que senti.

À medida que se começa a conhecer o grupo a capacidade de improvisar e arranjar soluções para combater os tempos “mortos” começa a aumentar. A estratégia que fui desenvolvendo remete para as planificações, pois comecei a planificar sempre mais tarefas e a pensar em mais atividades, permitindo deste modo ter sempre mais tarefas para propor aos alunos.

Contudo, é importante salientar que os ritmos de cada criança são extremamente diferentes, sendo que o conhecer o grupo ajuda a delinear estratégias adequadas que atenuem essas diferenças.

De um modo geral, a planificação é um elemento essencial para uma melhor orientação do docente, pois através deste documento é possível delinear as diversas aprendizagens que são pretendidas que os alunos alcancem e também a forma como o docente as vai avaliar.

A avaliação é dos aspetos que ainda sinto que necessito de aprofundar e melhorar. Ao longo das práticas supervisionadas utilizei diversos instrumentos de avaliação, tais como: observação direta, registos fotográficos, grelhas de observação e notas de campo. Em todos os estágios que realizei a avaliação foi realizada em par, sendo que normalmente quando me encontrava a realizar uma atividade a minha colega de estágio preenchia a grelha de observação e vice-versa. Segundo as OCEPE (2016, P.15)

“Avaliar os progressos das crianças consiste em comparar cada uma consigo própria para situar a evolução da sua aprendizagem ao longo do tempo. Refletir sobre esses progressos e o valor que atribui às

experiências de aprendizagem das crianças permite ao/a educador/a tomar consciência das concepções subjacentes à sua intervenção pedagógica e o modo como estas se concretizam na ação.”

Nos estágios que realizei no 1.º CEB, apercebi-me que a avaliação era realizada com maior precisão, sendo que na maioria das vezes optei por a realizar em momentos específicos e com grupos mais pequenos. Compreendi também que esta dever ser realizada consoante um determinado conteúdo específico, de modo a facilitar a avaliação.

Dos aspetos mais positivos sentidos ao longo dos estágios realizados foram a boa relação que estabeleci com os grupos, pois consegui criar uma relação de respeito, de confiança, mas também de amiga, mostrando que podiam contar comigo para o que necessitassem e que estava lá para os ajudar no que fosse preciso.

O tema deste relatório surgiu da realização dos estágios, onde me questioneei sobre as transições, nomeadamente das transições entre ciclos, da educação pré-escolar para o 1.º CEB.

No estágio que realizei em JI, numa sala com crianças da faixa etária dos cinco anos, pude observar alguns comportamentos por parte da educadora cooperante e das crianças, que me levaram a querer saber mais sobre o tema das transições. Comportamentos tais como conversas sobre a nova escola, referindo-se a esta de forma pejorativa, como por exemplo "se não te portares bem não vais para a escola". Este tipo de intervenções pode causar às crianças ansiedade e angústia no processo de transição. Segundo Sim-Sim (2010) afirma que a separação do jardim de infância, faz com que a criança saia do seu ambiente de conforto, que se separe da pessoa que tem como referência, sendo neste caso o educador, se separe da rotina e dos hábitos que conhece, entre outros. Deste modo, e segundo a mesma autora, “Essa transição, geradora de expectativas e de ansiedade, pode materializar-se em medos ou em desafios para o que transita”. (p.111). Deste modo, o processo de transição deve ser preparado de forma contínua e tranquila para transmitir confiança e segurança à criança.

Parte II - Exercício Investigativo

1. Estado de Arte

1.1. Perspetiva histórica da educação nas primeiras idades

A educação em Portugal passou por diversas alterações e evoluções ao longo dos anos. Segundo Cardona (1997) as primeiras medidas legislativas referentes à educação infantil foram definidas no século XIX. Uma das grandes mudanças na educação em Portugal deu-se com a implementação da República a 5 de outubro de 1910. De acordo com o decreto de 29 de março de 1911 “o ensino infantil deveria ter como finalidades a educação e desenvolvimento integral, físico, moral e intelectual das crianças, desde os 4 aos 7 anos de idade” Cardona (1997). Deste modo, o ensino infantil é considerado como uma preparação para a escola primária, tendo esta uma função de transmissão de ensinamentos (Cardona, 1997).

Outro grande marco na valorização da educação de infância deu-se com a Revolução dos Cravos: “A partir de meados dos anos 70, de modo progressivo, começa a emergir a rede pública de educação pré-escolar e, com ela, a preocupação com o desenvolvimento de linhas pedagógicas orientadoras para os jardins de infância públicos” (Vasconcelos, 2012, p.18). Cardona (1997) refere que “após a década de 70, a necessidade de criar mais instituições para as crianças pequenas foi cada vez mais sentida” (p.27). É em 1975 que é criada uma proposta para a criação de uma rede pública de educação pré-escolar, tendo como objetivos a promoção do desenvolvimento harmonioso e equilibrado da criança (Cardona, 1997).

No decorrer dos anos 70, a educação pré-escolar é apenas destinada, pelo Ministério da Educação, a crianças a partir dos 3 anos, não se ouvindo ainda falar de ensino direcionado a crianças com idade inferior. É apenas em 1978 que surge um decreto de lei que altera a designação de pré-escolar para a expressão já utilizada de “jardim de infância”, sendo que, em 1978, o Ministério da Educação colocou em funcionamento a rede pública dos jardins de infância, com a criação das IPSS.

É ainda antes da criação dos jardins de infância que se começa a falar da importância da formação dos educadores do pré-escolar e da importância que a mesma tem para a criança. Em 1975 é realizado, pela primeira vez, um despacho onde é proposta a criação de um plano de estudos para a formação de educadores e professores (Cardona, 1997, p. 77). Segundo a mesma autora (1997, p.77)

“Visando uma maior articulação entre a educação de infância e a escola, é proposto que a formação para os educadores e professores do ensino primário tenha uma estrutura semelhante, existindo um primeiro ano comum, de forma a que os alunos pudessem posteriormente escolher o curso que preferissem”.

De acordo com Vasconcelos (2012, p.20) “No final dos anos 80, início dos anos 90, começamos a falar conceptualmente de “modelos pedagógicos” e de “modelos curriculares”. Ainda sobre a mesma autora, o “conceito de modelo pressupõe valores e teorias científicas subjacentes, características a nível de espaço e tempo, conteúdos e métodos utilizados, e metodologias de avaliação”.

Segundo Cardona (2002, p.42), “no final dos anos 90” surgiu uma nova definição dos estabelecimentos educativos, levando a que existisse a necessidade de aproximar os níveis de ensino, jardins de infância e escolas. Segundo Formosinho (2016, p. 93) em 1996-97 foi lançada a iniciativa de promover o agrupamento de escolas do ensino pré-escolar e primário, sendo estes chamados de agrupamentos horizontais.

De acordo com Vasconcelos (2012, p. 25) em meados de 97 foi implementada a Lei nº 5/97 – Lei de Quadro da Educação Pré-Escolar, onde se realizou a construção das Orientações Curriculares para a educação Pré-escolar. Esta foi sujeita a varias versões até que, em 1997, foi publicado o documento final. Contudo, nove anos depois, em 2016, foi realizada uma nova versão deste documento, tornando-o mais atual, onde é contemplado um capítulo sobre as continuidades educativas e transições.

1.2. Transição

Segundo o Site “Transição Portugal”, transição define-se enquanto um “movimento consciente e motivado de passagem entre a situação atual e o futuro ideal que ambicionamos”, sendo que, no contexto específico deste estudo, o processo de transição em foco é a transição entre dois ciclos educativos: a educação pré-escolar e 1.º CEB.

Segundo as Orientações Curriculares do Pré-Escolar (OCEPE) (2016, p.97), “as transições constituem mudanças dos ambientes sociais imediatos de vida, que determinam ajustamentos no comportamento, pois correspondem a papéis, interações, relações e atividades diferentes”. Tendo por base as OCEPE, estas indicam dois tipos de transições: a transição horizontal e a transição vertical.

A designação de transição horizontal refere-se à mudança do ambiente familiar para o ambiente educativo, ou seja, a transição de casa para a escola. Existindo existem diversas formas de facilitação da mesma, como por exemplo “o acolhimento diário das crianças marca e facilita essa transição” (2016, p. 97).

O segundo tipo de transição, ou transição vertical, aborda as mudanças de ciclos que ocorrem na vida das crianças com o passar dos anos, sendo este um momento que pode originar a passagem para uma nova fase, fazendo com que exista uma alteração de estabelecimento educativo (2016, p. 97).

Segundo Oliveira-Formosinho e Araújo (2004), cit. por Oliveira (2016, p.119), “as transições pressupõem uma mudança nas assunções que os indivíduos têm de si próprios e do mundo que os rodeia”. Citados pelo mesmo autor, Vernberg e Field (1990), referem que a

transição é o momento em que o indivíduo se depara com um determinado número de tarefas. De acordo com Formosinho (2016) “As transições são complexas porque multifacetadas, envolvendo situações inesperadas, uma pluralidade de atores, com características específicas, um dinamismo que não pode ser totalmente planejado porque decorre duma tessitura plural de relações e interações entre os muitos participantes e os seus contextos” (p.56).

Tendo por base Formosinho e Monge (2016) “as transições estão associadas a um tempo de mudança significativa, de descontinuidades e novas exigências, de risco com especial atenção para as crianças em desvantagem, de cooperação e construção de uma relação significativa entre os participantes” (p.146). Oliveira (2016) pretender chamar atenção para a importância das transições, referindo que “vários estudos salientam a importância de uma boa transição entre o JI e o primeiro ano do ensino básico para que as crianças possam efetuar um percurso escolar de sucesso” (p.120). Segundo Nabuco citado por oliveira (2016),

“Os momentos de transição entre ambientes educativos implicam algumas mudanças na organização do espaço, na organização do tempo e até nas metodologias utilizadas pelos docentes, no entanto poderão ser estimulantes para a criança. Contudo estes contextos, nomeadamente o JI e a escola do 1.º CEB, não poderão ser tão diferentes que deixem as crianças confusas e receosas”.

A transição entre ciclos educativos implica que haja uma articulação entre esses mesmos níveis de ensino, tal como a necessidade de criar uma continuidade educativa. Segundo a lei de Bases n.º 44/86 (artigo 8º, ponto 2) “A articulação entre os ciclos obedece a uma sequencialidade progressiva, conferindo a cada ciclo a função de completar, aprofundar e alargar o ciclo anterior, numa perspetiva de unidade global do ensino básico”.

Como refere Sim-Sim (2010) “A transição implica sempre a perda e a separação de algo conhecido e, simultaneamente, a integração num contexto novo e desconhecido, envolvendo (...) o abandono de rotinas estabelecidas e a aprendizagem de comportamentos e atitudes adequadas aos novos ambientes” (p.111). Estes momentos de transição na vida da criança requerem, devido à quebra subjacente com o que lhes é conhecido, podendo, como consequência, sentirem-se mais ansiosas com o início de uma nova etapa, de uma especial atenção por parte dos pais/encarregados de educação e dos educadores de infância. Como forma de atenuar essa ansiedade deve transmitir-se à criança:

“uma visão positiva dessa passagem, como uma oportunidade de crescer, de realizar novas aprendizagens, de conhecer outras pessoas e contextos, de iniciar um novo ciclo, de forma a sentir confiança nas suas capacidades para dar resposta aos desafios que se lhes colocam” (OCEPE, 2016, p.97).

Deste modo, o papel do docente torna-se essencial e fundamental de modo a “assegurar que cada transição seja bem-sucedida”, de modo a permitir o “bem-estar social e emocional da criança”. (Vasconcelos, 2007, p. 44). Para além do papel do docente na vida da criança, é igualmente necessário que exista uma articulação entre as duas docências: “(...) é

determinante que as aprendizagens implementadas no jardim de infância sejam um processo contínuo e de consolidado no 1.º ciclo, sendo que para isto ser possível é necessário o conhecimento mútuo dos dois ciclos de ensino”. (Sim-Sim, 2010, p.113)

Por outro lado, Nabuco (2002) refere que “o processo educativo é um processo que exige continuidade. Daí a necessidade de os professores prestarem uma especial atenção aos momentos de transição entre níveis de ensino.” Tendo por base o mesmo autor, “o processo educativo é um processo contínuo que começa com o nascimento. A escola deve construir e assentar os seus alicerces nas aprendizagens que as crianças já fizeram anteriormente” (p.55). É neste sentido que surge a importância de entender melhor qual o papel do docente nestas (des)continuidades, tanto no contexto da educação pré-escolar, como no contexto do ensino do 1.º CEB e no processo de transição entre os dois ciclos.

1.3. O papel do docente nas (des)continuidades

1.3.1. No contexto da educação Pré-Escolar

Nesta valência, a transição pode acontecer em diferentes percursos: existem crianças que realizam uma transição de casa para jardim de infância, enquanto outras, transitam da creche para o jardim de infância e posteriormente do jardim de infância para 1.º CEB. Deste modo, o papel do educador é fundamental nessa transição e adaptação à nova valência (Sim-Sim, 2010; Nabuco, 2002; Vasconcelos, 2007). De acordo as OCEPE (2016, p.97) “importa dar uma especial atenção à criança nesses momentos, transmitindo-lhe uma visão positiva dessa passagem, como uma oportunidade de crescer, de realizar novas aprendizagens, de conhecer outras pessoas e contextos, de iniciar um novo ciclo”.

Quanto à preparação da transição para o novo ciclo educativo o/a educador/a e os pais devem motivar e apoiar a criança ao longo desta mudança, de modo a que esta seja encarada com algo natural. Segundo as OCEPE (2016, p. 97) o/a educador/a deve “proporcionar (...) oportunidades de aprendizagem que permitam à criança desenvolver as suas potencialidades, fortalecer a sua autoestima, resiliência, autonomia e autocontrolo, criando condições favoráveis para que tenha sucesso na etapa seguinte”.

Os pais têm um papel fundamental neste processo de transição, pois “(...) a comunicação que o/a educador/a estabelece com os pais/famílias é (...) importante para que (...) tenham um papel ativo no momento da transição para o 1.º ciclo.” (OCEPE, 2016, p.103).

No contexto de transição para o 1.º CEB, o papel do docente não é apenas direcionado para a criança em si, mas deve ser também realizado em articulação com a professora do 1.º CEB, no sentido em que “a realização de um debate onde se definam estratégias é facilitado para a transição e continuidade do processo educativo” OCEPE (2016, p.101). Segundo Oliveira-Formosinho (2016, p.31-32) “Na articulação com o 1.º ciclo do ensino básico priorizou-se a construção gradual de um processo de intercâmbio com uma escola integrada

num agrupamento de escolas localizado na zona envolvente do jardim de infância. (...) Nessa articulação constituíram processos de criar partilha e colaboração”. O papel do docente desta valência deve passar por transmitir segurança e autoconfiança à criança neste momento, devendo, desse modo, o educador envolver a criança no processo de transição. Esse envolvimento pode passar por uma conversa sobre a próxima etapa, de modo a familiarizar a criança com o novo ciclo de ensino: “(...) será importante que o/a educador/a proporcione (...) oportunidades de dialogarem sobre o assunto, de explicarem as suas expectativas e de colocarem perguntas sobre o que gostariam de saber sobre o ciclo seguinte” (OCEPE, 2016, p. 102).

1.3.2. No contexto do ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Segundo Formosinho (1997, p.24) “o sucesso da Educação Pré-Escolar depende muito do modo como for continuado no nível seguinte. Daí que seja essencial articular mudanças na educação pré-escolar com mudanças no ensino primário”.

De acordo com as OCEPE (1997, p. 90) “Quando se acentua a importância da continuidade educativa entre ciclos do ensino, alude-se a um processo de desenvolvimento contínuo que não tem “cortes” nítidos e bem precisos. Se cada novo ciclo deverá ter em conta as aprendizagens realizadas, é preciso também considerar que cada criança tem ritmos de aprendizagem diferentes”.

De acordo com Dinello (1987, p.60), citado por Carvalho (2010, p.58), refere que

“a continuidade educativa é uma percepção exterior do fenómeno, enquanto que numa observação mais profunda se compreende a necessidade de uma articulação para um maior aproveitamento dos ciclos, certamente ligados, mas intrinsecamente diferenciados. Na visão da continuidade aparece uma imagem do produto objetivado, na articulação é o processo que se dimensiona.”

Segundo Marchão (2012, p. 51) “Numa perspetiva horizontal, mas também vertical, a continuidade educativa deve-se no 1.º Ciclo, partindo dos conhecimentos e experiências que as crianças construíram na Educação Pré-escolar e no entendimento claro dos objetivos de uma e outra etapa.”

Tendo por base o mesmo autor “no 1.º Ciclo, para além da educação global, fundamentalmente, ensina-se e cria-se condições para a construção de um conjunto de competências fundamentais no exercício académico” (p.51). Para Marchão (2012) o perfil do professor do 1.º CEB deve contemplar:

“O mesmo perfil definido para o professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico declara as suas competências no âmbito da organização e desenvolvimento do currículo e a sua responsabilidade em integrar e promover as aprendizagens, contextualizando-as, centrando-as nas experiências das crianças e na continuidade educativa”. (p.102).

Deste modo o ensino do 1.º CEB deve ter como ponto de partida as experiências e aprendizagens que os alunos adquiriram no decorrer do jardim de infância, essas devem ser valorizadas de forma a que o aluno se sinta conformável e seguro no novo ambiente escolar.

2. Objetivos e Metodologia de Pesquisa

2.1. Questões orientadoras e objetivos

O presente trabalho investigativo surgiu com a oportunidade de observação de um caso concreto de transição da educação pré-escolar para o 1.º CEB, tornando-se, nesse momento, um tema de maior importância e interesse a nível pessoal. As estratégias de suavização observadas, dessa criança em concreto, na transição de uma etapa para a outra, fizeram com que emergissem questões sobre a existência – ou não – de estratégias e medidas de apoio à criança nesta fase da vida. Esteves (2008), aborda que a “observação permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto.” (p. 87). Tendo por base a anterior citação, foi através da observação que tivemos a oportunidade de compreender mais aprofundadamente o trabalho que é desenvolvido tanto na educação pré-escolar como no 1.º CEB. Os estágios realizados levaram-nos a um enraizamento do interesse sobre o processo de transição, passando o mesmo de nível pessoal para nível profissional, onde questões relacionadas com esta temática se tornaram mais proeminentes e profundas.

Identificado o conceito de transição, o seu processo e o papel do docente nestas (des)continuidades, importa entender, tanto do lado das crianças, como dos docentes e de especialistas da área, como é o processo de transição das crianças do pré-escolar para o 1.º CEB, como este processo é preparado, quais as estratégias definidas, e quais os fatores que podem condicionar o mesmo. Como tal, tendo como base o tema “O Processo de Transição das Crianças da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico”, e com o objetivo de aprofundar o tema da transição do pré-escolar para o 1.º CEB, definiram-se as seguintes questões orientadoras:

- Como é atualmente preparada a transição nos dois níveis de ensino, educação pré-escolar e o 1.º CEB?
- Quais as estratégias definidas para a preparação da transição das crianças da educação pré-escolar para o 1.º CEB?
- Que fatores podem ser definidos como condicionadores ou favorecedores no processo de transição da educação pré-escolar para o 1.º CEB?

Na sequência da problemática de pesquisa, e de modo a perceber-nos a visão dos diferentes intervenientes no processo de transição da educação pré-escolar para o ensino do 1.º CEB (crianças da educação pré-escolar, crianças no 1.º CEB, educadores, professoras do 1.º CEB e especialistas na área – docentes do ensino superior), o presente estudo foi orientado pelos seguintes objetivos:

- Conhecer as diferentes perspetivas, dos grupos em análise, no que respeita à transição;
- Identificar como a transição é preparada ao nível da educação pré-escolar e do 1.º CEB;
- Identificar as estratégias mais utilizadas pelas educadoras de infância e pelas professoras do 1.º CEB no processo de transição das crianças da educação Pré-escolar para 1.º CEB;
- Identificar as diferenças entre os dois contextos educativos segundo as crianças;
- Identificar os fatores condicionantes ou favorecedores no processo de transição.

2.2. Metodologia de pesquisa

Existem diversas formas de caracterizar-nos os modelos de análise e diversas metodologias de pesquisa. Tendo em conta os objetivos de pesquisa mencionados previamente, a preocupação investigativa é o aprofundamento do conhecimento de um grupo social – neste caso do comportamento de vários grupos sociais, focando apenas um tipo de processo (processo de transição da educação pré-escolar para o 1.º CEB) – do *descrever*, *compreender* e *explicar*, optou-se pela realização de um estudo de natureza qualitativa, pois o mesmo “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2001, cit. por Gerhardt e Silveira, 2009, p. 32).

Para além de ser um estudo de natureza qualitativa, o mesmo pode ser caracterizado por uma pesquisa exploratória tendo como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, de forma a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gerhardt e Silveira, 2009, p. 35).

Foram utilizadas diversas metodologias de recolha de dados, tais como: a entrevista semidiretiva aos subgrupos definidos enquanto participantes do estudo; o *Focus group*, utilizado as crianças do 1.º CEB. Segundo Bogdan e Bicken (2013) “as estratégias mais representativas da investigação qualitativa (...) são a observação participante e a entrevista em profundidade” (p.16).

Quanto à entrevista semidiretiva de carácter exploratório, realizou-se entrevistas aos participantes do estudo, tendo por base um guião, sendo um para as crianças do jardim de infância, outro para as crianças do 1.º CEB e por fim um para as educadoras, professoras e para as professoras da Escola Superior de Educação de Santarém.

O guião utilizado para entrevistar as crianças da educação pré-escolar (anexo IX) encontra-se dividido por seis blocos temáticos, que contêm os objetivos e as questões direcionadas para cada bloco. Os blocos apresentavam-se na seguinte forma:

- Bloco A – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado;
- Bloco B – Finalidades do Jardim de Infância;
- Bloco C – Papel do educador;
- Bloco D – Representação do 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- Bloco E – Atitudes face ao 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- Bloco F - Validação.

Na realização das entrevistas às crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico (anexo X), o guião está dividido em cinco blocos, sendo eles:

- Bloco A – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado;
- Bloco B – Dados do entrevistado;
- Bloco C – Finalidades do Jardim de Infância;
- Bloco D – Conhecimentos da criança relativamente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico
- Bloco E - Validação.

Para a realização das entrevistas das educadoras de infância, professoras do 1.º CEB e das docentes do ensino superior politécnico foi utilizado o mesmo guião (anexo XI), sendo que este se encontra dividido da seguinte maneira:

- Bloco A – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado;
- Bloco B – Dados do entrevistado;
- Bloco C – Transição da criança do pré-escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico
- Bloco D – O papel do educador e do professor no processo de transição
- Bloco E - Validação.

De referir que os entrevistados foram informados quanto ao conteúdo da entrevista, tendo sempre o cuidado de realizar um pedido de autorização para gravar a mesma.

Como forma de análise dos dados, as metodologias utilizadas foram a transcrição das entrevistas e análise das mesmas utilizando como base grelhas de análise.

2.3. Participantes do estudo

Esta pesquisa teve como base os estágios que foram realizados ao longo do mestrado, tanto em JI como em 1.º CEB. Os participantes do estudo serão três crianças da educação pré-escolar, sete crianças do 1.º CEB, duas educadoras, duas professoras de 1.º CEB e duas docentes do ensino superior politécnico.

Os respectivos participantes estão inseridos em escolas públicas. As educadoras entrevistadas pertencem a instituições distintas e relativamente às crianças, estas pertenciam à mesma instituição e à mesma sala. Por outro lado, as entrevistas realizadas no 1.º CEB, foram desenvolvidas na mesma instituição.

No quadro 1, aparece a identificação das crianças do JI e do 1.ºCEB, sendo que as mesmas serão identificadas pela letra “C”, seguida da numeração árabe.

Código de Identificação	Género	Idade	Valência a frequentar	Instrumentos
C1	Feminino	5 anos	Pré-escolar	Entrevista semidiretiva
C2	Masculino	5 anos	Pré-escolar	Entrevista semidiretiva
C3	Feminino	5 anos	Pré-escolar	Entrevista semidiretiva
C4	Masculino	6 anos	1º CEB – 1º ano	<i>Focus group</i>
C5	Feminino	6 anos	1º CEB – 1º ano	<i>Focus group</i>
C6	Masculino	6 anos	1º CEB – 1º ano	<i>Focus group</i>
C7	Feminino	6 anos	1º CEB – 1º ano	<i>Focus group</i>
C8	Feminino	6 anos	1º CEB – 1º ano	<i>Focus group</i>
C9	Feminino	6 anos	1º CEB – 1º ano	<i>Focus group</i>
C10	Masculino	6 anos	1º CEB – 1º ano	<i>Focus group</i>

Tabela 1- Código de identificação das crianças do JI e do 1.º CEB

No quadro 2, encontra-se realizada a identificação das educadoras e professoras de forma mais detalhada, utilizando um código. Para identificar as educadoras é utilizada a letra “E”, seguida da numeração árabe, pela respetiva ordem. As professoras encontram-se identificadas pela letra “P”, seguidas da numeração árabe.

Código de Identificação	Habilitações académicas	Anos de serviço	Valência em que se encontrava a trabalhar
E1	Licenciatura	37 anos	Jardim de Infância
E2	Licenciatura	28 anos	Jardim de Infância
P1	Licenciatura	24 anos	1º CEB – 1º ano
P2	Licenciatura	15 anos	1º CEB – 2º ano

Tabela 2- Código de identificação das educadoras do JI e das professoras do 1.º CEB

No quadro 3, estão persentes de forma mais detalhada as identificações das docentes do ensino superior politécnico, da Escola Superior de Educação de Santarém, sendo que serão identificadas pela letra “D”, seguida da numeração árabe.

Código de Identificação	Habilitações académicas	Anos de serviço na instituição atual	Valência em que se encontrava a trabalhar
D1	Doutoramento	33 anos	Formação de professores
D2	Doutoramento	11 anos	Formação de professores

Tabela 3- Código de identificação das docentes do ensino superior

3. Apresentação e Análise dos Dados Recolhidos

Neste tópico serão analisadas as entrevistas realizadas e as principais conclusões dessa mesma análise.

3.1. A transição vista pelas crianças (Jardim de infância e 1.º CEB)

Bloco temático	Categorias	Subcategorias
Bloco B Finalidades do jardim de infância	Conhecimentos sobre o jardim de infância	Perceções do jardim de infância
Bloco C Papel do educador	Perspetivas das crianças	Educador
Bloco D Conhecimentos das crianças relativamente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico	Opiniões das crianças	1º Ciclo do ensino básico
Bloco E Atitudes face ao 1.º Ciclo do Ensino Básico	Sentimentos relativamente a transição	Motivação
		Preferência quanto à transição

Tabela 4- Análise das entrevistas das crianças do JI e 1.º CEB

Na primeira parte da entrevista foi questionado às crianças o que para elas era o jardim de infância, tendo respondido que era um local de brincadeiras, de trabalho e brincadeira, onde se aprende, “Trabalham, também aprendem, também brincam, também fazem desenhos e veem livros.” (C1), por outro lado é referido que “Aprendo... aprendo com a educadora(...) também brinco(...).” (C2), “É uma diversão.” (C3).

No segundo bloco remetemos para uma interpretação das perspetivas das crianças sobre o papel do educador, tendo estas referido que a educadora “Ensina a recortar...” (C2), “aprende com os amigos, ensina-nos a aprender os números.” (C1), “Fala com os meninos, também trabalha e às vezes brinca com os meninos.” (C3).

Relacionando as respostas das crianças com um autor estudado, Marchão (2012, p.88) refere que:

“Mesmo sabendo da especificidade da ação do educador de infância ele é, também, um docente que atua de acordo com as características das crianças (...) dos contextos de trabalho e os referentes educativos e curriculares dominantes na Educação de Infância”.

O próximo bloco é centrado nas opiniões das crianças relativamente às suas perceções e perspetivas sobre o 1.º CEB, onde se começou por perguntar “o que é uma escola do 1.º ciclo?”. As crianças responderam “São os meninos crescidos.” (C2), “É onde as pessoas aprendem a fazer coisas, letras e números, também se brinca.” (C3).

De seguida, as crianças são questionadas sobre o que se faz na escola do 1.º CEB, onde estas referem que “Também vão brincar para a rua, brincam com os mais pequeninos que ainda não sabem, aprendem os números.” (C1), “aprendem a ler e também a escrever...e também mais coisas...a fazer contas.” (C2).

Para finalizar é lhes questionado sobre as diferenças entre o JI e a escola, obtendo-se as respostas: “a escola dos crescidos tem só um brinquedo, eu vi, a minha tem muitos.” (C2), “cá não escrevo e lá em cima vou escrever.” (C3).

Em relação ao último bloco, relacionado com as atitudes das crianças face ao 1.º CEB, foi questionado se estas se encontravam contentes por irem para a outra escola. Apenas duas das crianças entrevistadas demonstraram vontade de mudar: “Sim, porque eu gosto também...” (C1), “Sim, porque vou ter novos amigos.” (C3).

Para finalizar as crianças são questionadas sobre a sua preferência entre permanecer no jardim de infância ou transitar para outra escola, no qual responderam: “para a nova escola, porque também gostava de aprender na nova escola.” (C1), “não, porque eu quero ir lá para cima...para escrever e aprender a escrever.” (C3).

Bloco temático	Categorias	Subcategorias
Bloco C Finalidades do jardim de infância	Conhecimentos sobre o jardim de infância	Perceções do jardim de infância
Bloco D Conhecimentos das crianças relativamente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico	Sentimentos relativamente à escola	Recordações dos alunos
		Diferenças entre o jardim de infância e a escola

Tabela 5- Análise das entrevistas das crianças do 1.ºCEB

De acordo com as entrevistas realizadas às crianças do 1.º CEB, esta centra-se em dois grandes blocos: o primeiro remete para os conhecimentos sobre o jardim de infância e o segundo aborda os conhecimentos sobre o 1.º CEB.

A primeira questão refere-se ao porquê das crianças irem para o JI; de sete crianças apenas cinco responderam e realizam uma ponte com a entrada na escola do 1.º CEB, “para aprender.” (C4), “para depois conseguirem ir para a escola primária.” (C5), “para a gente ir

para a escola para se comportar bem.” (C8), “vamos para o jardim de infância para aprendermos para irmos para a escola.” (C9), “para aprender para ir para a escola.” (C10).

A segunda questão relaciona-se com as atividades que elas realizavam no JI, e as respostas centram-se essencialmente nos trabalhos e no brincar. As respostas foram: a criança 5 respondeu que “aprendia sobre as coisas e brincava às vezes.” (C5), os restantes entrevistados responderam que “eu fazia os trabalhos.” (C6), “trabalhava.” (C7), “escrevia, fazia os trabalhos, brincava e brincava.” (C8), “nós fazíamos os trabalhos, brincávamos, íamos ao parque, brincávamos dentro da sala, víamos os livros, fazíamos jogos, fazíamos muitas coisas.” (C9), “íamos passear e à tarde víamos televisão...” (C10).

O segundo bloco aborda os conhecimentos das crianças sobre o 1.º CEB. Ao questionar sobre as recordações das mesmas sobre o primeiro dia de aulas no 1.º CEB, apenas quatro das crianças se lembrava de alguns momentos relacionados com o primeiro dia de aulas, no qual responderam: “foi ver como é que a escola era, para ficarmos a ver os sítios onde era...” (C4), a criança 5 afirmou que “sim, a mãe veio comigo e eu conheci todos os cantos da escola, conheci o recreio e a biblioteca.” (C5), “lembro-me, fui visitar os cantos, a professora deu um chupa com asas de borboleta.” (C8), “lembro-me, nós andamos a ver onde eram os sítios, andamos a ver onde é que era a nossa sala e quando estávamos sentadinhos na sala para a professora dizer as coisas que nos íamos fazer cá na escola.” (C9).

Quando é colocado a questão “a escola é como tu pensavas?” as crianças na sua maioria referiram que pensavam que a escola era diferente do que é na realidade, “no jardim de infância pensava que a sala era mais pequena, que não ia ter as mesas assim que iam ser só aquelas, que não tivesse aquele quadro projetado e que tinha outro.” (C4), “antes do primeiro dia de aulas eu pensava que ia ser bom e foi, eu achava que a sala era um bocadinho mais pequenina.” (C5), “pensava que era mais média, pensava que a sala era mais grande (maior).” (C8), “não, porque eu pensava que a escola era maior e que a sala era maior (...).” (C9).

Por fim foi-lhes questionado sobre as diferenças entre o jardim de infância e a escola: “as mochilas penduravam-se num cabide e não nas cadeiras, e as mesas não eram assim “rentangas” eram círculos.” (C4), “na outra escola a mão e podia entrar na escola até eu estar na sala.” (C5), “eu não faço desenhos na escola.” (C6), “lá na creche as mães podiam entrar lá dentro da sala e aqui não, e na creche tinha coisinhas para pôr as malas lá fora.” (C8), “as mesas eram diferentes e brincava mais.” (C10).

3.1.1. Análise comparativa

De acordo com os dados recolhidos nas entrevistas realizadas às crianças do JI e às do 1.º CEB, verificaram-se algumas conformidades nas respostas dos entrevistados.

Analisando as primeiras questões sobre as percepções do JI, as crianças caracterizaram-no como sendo um lugar onde se realizam brincadeiras, trabalhos e apenas uma das crianças realçou as aprendizagens realizadas. Por outro lado, as do 1.º CEB responderam de forma unânime sobre as recordações, tendo referido que o JI é uma etapa que serve para aprender, para que depois possam ir para o 1.º CEB. Contudo, as crianças do 1.º CEB afirmam ainda que no JI se realizavam aprendizagens, tais como trabalhos e jogos.

No que diz respeito à perspetiva sobre o 1.º CEB, as crianças do JI responderam que iriam aprender os números, as letras, a fazer contas, entre outros, mas realçando os momentos de brincadeira que ambicionam que permanecem iguais. As crianças do 1.º CEB, relembram apenas que achavam que a escola iria ser mais pequena, comparando com o JI.

Relativamente às diferenças entre o JI e o 1.º CEB, ambas as faixas etárias se centraram na sala, apesar das crianças do JI referirem mais sobre a falta de brinquedos na escola do 1.º CEB e as crianças do 1.º CEB referiram a exposição da sala, pois no JI a mochila colocava-se à entrada da sala e no 1.º CEB a mochila é colocada atrás das cadeiras dentro da sala.

Outro ponto que foi referido por uma das crianças do jardim de infância relativamente às novas aprendizagens, pois afirma que no JI não aprende a escrever e que na nova escola irá aprender; já uma das crianças do 1.º CEB refere que no JI brincava e havia mais tempo para brincar do que no 1.º CEB.

3.2. A transição vista pelas educadoras de JI, professoras do 1.º CEB e docentes do Ensino Superior Politécnico

Bloco temático	Categorias	Subcategorias
Bloco C Transição da criança do pré-escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico	Definição de transição	Perceção do termo transição
		Trabalhar a transição
		Preparação da transição
Bloco D O papel do educador e do professor no processo de transição	Papel do docente nas transições	Estratégias
		Fatores que a condicionam

Tabela 6- Análise das entrevistas das educadoras do JI, das professoras do 1.º CEB e das docentes do ensino superior

Educadoras do JI

Quanto ao bloco C as educadoras de infância foram questionadas sobre o que entendem por transição, caracterizando como sendo “a passagem de uma etapa... ciclo, processo evolutivo” (E2) e como “transição significa transitar, mudar, ir para outro ciclo, neste caso do pré-escolar para o 1.º ciclo.” (E1).

Relativamente à segunda questão sobre se consideram ou não necessário trabalhar a transição, ambas respondem de forma positiva: “Claro que sim. (...) Há um trabalho mais direcionado nos cinco anos...para realmente a criança chegar ao 1.º CEB e ter as bases para

poder começar a ler e a escrever.” **(E1)**, a educadora 1 refere ainda que acha fundamental frequentar o JI, “as crianças que frequentam três anos do jardim de infância, vão preparadíssimas para depois começarem a receber realmente as aprendizagens.” **(E1)**, por outro lado a educadora 2 refere que “Considero que se devem estimular essas mudanças, desenvolvendo capacidades adaptativas, sociais, motivando as crianças para o desenvolvimento de aptidões cognitivas, valorativas, em ambiente lúdico, afetivo e desafiador.” **(E2)**.

Quando questionadas sobre como se prepara a criança para a transição, uma das educadoras respondeu na questão anterior, contudo, podemos realçar que ambas referiram que se as orientações curriculares para o pré-escolar forem seguidas, as crianças ficam preparadas para a entrada no 1.º CEB: “portanto a iniciação à escrita, à leitura, à matemática, o desenho, a pintura, os jogos, a lateralidade... todas essas coisas são importantíssimas que sejam trabalhadas ao máximo no jardim de infância para quando a criança entrar no 1.º CEB esteja muito mais recetiva.” **(E1)**; “parece-me essencial promover a aprendizagem gradual de cada criança, visando a concretização das metas previstas nas orientações curriculares para o pré-escolar.” **(E2)**.

No segundo bloco, as educadoras foram questionadas sobre que estratégias utilizavam para preparar as crianças para a transição: “Trabalhar no jardim de infância as regras que têm que ser cumpridas, (...) a nível do comportamento, controlar o comportamento, fazer concentração, jogos, danças, jogos estratégicos.” **(E1)**; “Promovo algumas estratégias que visam essa transição, nomeadamente, realizando visitas e partilha de momentos festivos, como idas às futuras escolas e convido a assistirem à festa de finalistas do pré-escolar.” **(E2)**.

A última pergunta é relacionada com os fatores que podem condicionar essa transição: “fatores diferenciadores, tais como, história familiar e processo de aprendizagem de cada criança, ambiente socioeducativo, problemas de saúde, características psicológicas e comportamentais.” **(E2)**, “Às vezes ainda não estão desenvolvidas na parte gráfica (...) se aos cinco anos a criança desenha a figura humana como uns girinos, com os braços a sair pela cabeça alguma coisa esta muito mal.” **(E1)**.

Professoras do 1.º CEB

Segundo as entrevistas realizadas às professoras do 1.º CEB, estas mostraram concordância relativamente à primeira questão do bloco C, sendo ela “o que entende por transição”, de acordo com a definição de transição: “a transição tem a ver com a passagem dos meninos do jardim de infância para a adaptação deles à escola.” **(P1)**, foi ainda referido que “a transição é a preparação das crianças quando chegam aqui ao 1.º ciclo.” **(P2)**.

Relativamente à segunda questão sobre a importância de trabalhar a transição, ambas as entrevistadas responderam de forma positiva: “sim, sem dúvida.” **(P1)**, “sim, concordo que

é fundamental.” (P2), sendo que uma das educadoras refere que é importante “que eles percebam e compreendam que nós já temos algum conhecimento deles prévio.” (P2).

Quando questionadas sobre a preparação da transição as entrevistadas referiram que “temos sempre reuniões com as educadoras no início do ano... em que elas falam dos seus alunos.” (P1), “após essa abordagem com as educadoras, é feito um trabalho.” (P2), a educadora 2 apresenta ainda algumas estratégias que utilizava no início do ano letivo “era feito um trabalho no início de cada aula, um trabalho de acumulação, criar um ambiente calmo e sereno, de modo a que eles percebam a mudança e que estas não sejam um choque para eles.” (P2).

No segundo bloco as entrevistadas são questionadas relativamente à estratégias que utilizam para preparar a criança para a transição, é referido que no início do ano letivo começam por: “fazemos uns joguinhos, umas brincadeiras.” (P1), uma das educadoras apresenta algumas estratégias que são realizadas no primeiro dia de aulas “vão conhecer a escola com uma professora ou uma auxiliar.” (P1), por outro lado a educadora 2 refere como organiza o ambiente educativo no início do ano letivo “arranjamos o nosso espaço a nossa sala de aula, consoante as necessidades.” (P2), “é muito importante os alunos fazerem parte do arranjar deste ambiente.” (P2).

Por fim as professoras do 1.º CEB são questionadas sobre os fatores que condicionam a transição, a professora 1 destacou a não existência da reunião com as educadoras “este ano como não houve aquela reunião com as educadoras, pronto foi um bocadinho mais difícil.” (P1), “eu tive mais feedback da parte dos pais.” (P1), foi ainda referido a questão da idade, “depois a idade deles também acho que condicionam um bocadinho.” (P1). Já a professora 2 destacou a importância de uma boa relação com as famílias e os alunos.

Docentes do ensino superior politécnico

Ao entrevistar as docentes do ensino superior, estas caracterizaram a transição como sendo um “uma mudança, de uma fase para a outra” (D1), e “centrando essa mudança nas crianças elas vão ao longo da vida passando por varias transições.” (D2).

Relativamente à segunda pergunta que questiona a importância de trabalhar a transição, ambas as docentes responderam que sim. Uma das docentes acrescentou que “acho que as transições devem ser encaradas de uma forma muito natural, sem ser pensado.” (D2), explicando que “não sei até que ponto é gratificante ir fazer um dia dedicado (...) a ver a sala de...” (D2), pois considera que mesmo realizando essa visita a criança não vai ficar preparada para a entrada no 1.º CEB, a criança simplesmente vai “ficar a conhecer o espaço para onde vai a seguir.” (D2). A docente 2 realça ainda a importância de existir uma ligação entre os dois níveis de ensino “se for uma coisa que é natural e gradual de ligação entre as várias áreas em termos de edifício e de lógica de haver atividades comuns, será encarado de uma forma mais natural para as crianças e eu acho que isso sim, é trabalhar a transição” (D2).

Por outro lado, a docente 1 ao ser questionada sobre a preparação da transição afirmou que “não pode haver uma receita única, tem de se trabalhar conforme os grupos, conforme os contextos, etc.” (D1), e acrescentou alguns aspetos que acha fundamentais para que haja uma boa preparação, sendo eles: as educadoras e professoras devem saber “as especificidades de cada nível de ensino, que são diferentes mas, também têm aspetos comuns, que conheçam os programas, etc.”, o trabalho deve ser realizando de forma “articulada e que trabalhem em conjunto.”; a existência de uma reunião entre a educadora e a professora para que possam “conhecerem o que foi feito e como são as crianças, o que elas já sabem, como também as dificuldades, ambas as coisas são importantes.”; a nível das crianças, afirma que “para as crianças também é importante conhecerem o trabalho que se faz no jardim de infância e na escola.”; a nível dos pais, refere que é “importante informar as famílias para que não fiquem muito ansiosas.”, de modo a que “possam apoiar os seus filhos neste processo de transição.”(D1).

Ao questionar sobre os fatores que condicionam as transições, ambas as docentes destacam alguns fatores, como a “atitude dos adultos (...) sobretudo as famílias” (D1); por outro lado, é referido que os fatores podem ser “físicos, de não ser instalações próximas”, bem como “humanos (...) haver uma grande mudança a nível do corpo docente nas escolas” (D2). É destacado ainda que “a estrutura da rede escolar está feita para favorecer a transição” (D1). Já a docente 2 destaca a importância de a transição não ser só pensada do jardim de infância para o 1.º CEB, mas também “o 1.º ciclo também pensar no seu primeiro ano (...), que condições vai criar com as crianças, como é que vai ser aquela iniciação a um novo ciclo.” (D2); por fim a professora 2 termina dizendo que “acho que deve ser pensado muito gradual e ter mais pontos de contacto do 1.º ciclo com o jardim de infância neste primeiro ano.” (D2).

3.2.1. Análise comparativa

Analisando os dados recolhidos nas entrevistas efetuadas às educadoras de infância, professoras do 1.º CEB e docentes do ensino superior, verificam-se algumas concordâncias, bem como algumas divergências a nível de respostas.

No que diz respeito à perceção do conceito de transição, todas as docentes o definem como sendo uma mudança, um processo evolutivo que nestes níveis de ensino, pré-escolar e 1.º CEB, envolve também uma adaptação e preparação ao novo ciclo de ensino.

Relativamente à questão de ser ou não necessário trabalhar a transição, as respostas foram afirmativas, pois no caso das educadoras, uma afirma ser essencial desenvolver esse trabalho, sendo que a outra educadora acha que deve ser trabalhado de forma continua. Já as professoras de 1.º CEB, ambas acham que deve ser trabalho a realizar quando os alunos chegam ao 1.º CEB, valorizando as aprendizagens que eles adquiriram no jardim de infância. Por fim, as docentes do ensino superior consideram que a transição deve acontecer de forma natural e vista como algo gradual na vida.

No que diz respeito a como se prepara a transição das crianças da educação pré-escolar para a entrada no 1.º CEB, as respostas foram diversas. As educadoras focaram a importância de desenvolver as aprendizagens que se encontram nas orientações curriculares para a educação pré-escolar, como por exemplo, trabalham a iniciação à escrita, à leitura, à matemática, realizar desenho e desenvolver a parte gráfica. Por outro lado, as professoras do 1.º CEB preparam a transição com a realização de reuniões com as educadoras, de modo a poderem conhecer melhor as fragilidades e as potencialidades de cada criança e do grupo. Já as docentes do ensino superior consideram que a transição deve ser preparada de forma conjunta, ou seja, deve existir um trabalho conjunto entre as educadoras e as professoras do 1.º CEB, sendo ainda referido que ambas as docentes devem ter consciência do trabalho que é desenvolvido em cada nível de ensino. Deste modo, as docentes acham que assim será facilitada a preparação da transição das crianças de um nível de ensino para o outro.

Quanto às estratégias que são utilizadas para preparar a criança para a transição, as opiniões são bastante diversas, pois cada nível de ensino tem a sua estratégia. As educadoras afirmam que as estratégias que utilizam passam por momentos conjuntos com os alunos do 1.º CEB, tais como, festas de finalistas, visitas às escolas do 1.º CEB, entre outras, e ainda é referido que o ensinamento de regras de convivência é uma forma de preparar a criança para o outro nível de ensino. Já as professoras de CEB abordam a forma como vão receber os alunos, mostrando uma preocupação com o ambiente educativo, referindo que no início do ano letivo os alunos ajudam a organizar a sala, de modo a que estes sintam que aquele espaço também lhes pertence.

Por fim, relativamente aos fatores que condicionam as transições existem respostas idênticas. A nível das educadoras, uma refere diversos fatores, tais como a história familiar e o processo de aprendizagem de cada criança, características psicológicas e o ambiente socioeducativo; já a outra educadora, foca essencialmente a maturidade da criança. Já as professoras do CEB referem também a questão da maturidade, mas também o facto de nem sempre ocorrerem as reuniões com as educadoras, o que resulta que a professora deixa de ter conhecimentos prévios sobre os alunos; é ainda referido, a importância de existir uma boa relação entre professora - aluno e professora - família. As docentes consideram que o maior fator que condiciona a transição são os adultos, nomeadamente as famílias, pois são elas que normalmente tem mais receios do que as crianças.

Em suma, pode concluir-se que a forma como as educadoras e as professoras vêm a transição é diferente, pois as educadoras centram-se mais na preparação da criança nos diversos níveis: físicos, mentais e comportamentais.

Por outro lado, as professoras do CEB prendem-se mais com a forma de adaptar os alunos ao novo nível de ensino, onde a escola, a matéria, a professora é diferente. Sendo assim, é importante a existência de reuniões entre as educadoras e as professoras. As docentes do ensino superior olham para a transição como algo que se for bem preparado a

nível das docentes as crianças estarão motivadas para essa mudança. Referem essencialmente a importância de existir um trabalho conjunto e colaborativo entre os dois níveis de ensino.

4. Conclusões do Estudo Investigativo

Através da análise das entrevistas realizadas foi nós possível encontrar respostas para os objetivos previamente estabelecidos. Começando a analisar o primeiro objetivo, este remete para **“as preceções dos docentes sobre o termo Transição”**, onde, de um modo geral, todos os docentes o definiram como sendo um termo que refere uma mudança, definido como um processo evolutivo, que ocorre em diversos momentos ao longo da vida.

Por outro lado, as crianças da educação pré-escolar e do ensino do 1.º CEB entrevistados, olham para o processo de transição de formas diferentes: as crianças do jardim de infância mostram entusiasmo para a realização da mudança, já as crianças do 1.º CEB afirmam que o JI serviu para realizarem aprendizagens para a entrada na escolaridade obrigatória.

Segundo Oliveira-Formosinho e Araújo (2004), citado por Oliveira (2016), “Na maior parte das vezes as transições pressupõem uma mudança nas assunções que os indivíduos têm de si próprios e do mundo que os rodeia provocando alterações ao nível do comportamento e das relações.” (p.119).

Contudo, todos as docentes entrevistadas, tanto a nível da educação pré-escolar, do 1.º CEB e as docentes do ensino superior politécnico, referem a importância de este processo ser realizado de uma forma gradual, para não causar momentos de angústia e de *stress* às crianças. Segundo Oliveira (2016), “Qualquer alteração no bem-estar emocional durante a transição pode causar preocupação e *stress*, levando a sintomas como fadiga, agressividade, descontentamento, desorientação ou inibição, podendo marcar de forma nefasta o percurso escolar da criança.” (p.120).

Relativamente ao segundo objetivo, **“identificar como a transição é preparada a nível da educação pré-escolar e do 1.º CEB”**, as opiniões diferem consoante os níveis de ensino: as educadoras referem que a transição é preparada ao longo dos três anos do jardim de infância, através de aprendizagens que são referidas nas orientações curriculares para a educação pré-escolar. Segundo OCEPE (2016) “As orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar baseiam-se nos objetivos globais pedagógicos (...) destinam-se a apoiar a construção e gestão do currículo no jardim de infância.” (p.5). As professoras do 1.º CEB referem a importância de se realizarem reuniões entre as educadoras e as futuras professoras no momento da transição. As docentes do ensino superior afirmam que a transição deve ser um processo trabalhado de forma conjunta com os dois níveis de ensino. Segundo Serra (2004, p. 78)

“Através da articulação curricular, poder-se-á estabelecer uma conexão entre as partes, de forma que escola e jardim-de-infância se organizem em função dos diferentes períodos de vida que as crianças atravessam, o que implica uma postura docente que conduza a um planeamento conjunto de atividades integradas.”

De acordo com o terceiro objetivo “**identificar as estratégias mais utilizadas pelas educadoras e pelas professoras do 1.º CEB no processo de transição das crianças do Pré-escolar para 1.º CEB**”, as educadoras destacam os momentos que realizam em conjunto com o 1.º CEB, e as professoras do 1.º CEB destacam a forma como recebem as crianças, fazendo com que estes vejam o novo espaço como “seu”. Por outro lado, as docentes do ensino superior referem que o processo de transição deveria ser realizado de forma conjunta, ou seja, as educadoras e as professoras trabalhem de forma articulada, sendo que para isso ser possível é importante que cada docente conheça o trabalho desenvolvido no outro nível de ensino.

Segundo Serra (2004) “Conhecendo o nível seguinte, o educador poderá valorizar esse nível como parceiro educativo, promovendo atividades conjuntas que valorizem o currículo nos dois níveis educativos, recorrendo ao trabalho cooperativo entre as crianças.” (p. 120).

O quarto objetivo remete para as “**principais diferenças segundo as crianças**”. Segundo as entrevistas realizadas às crianças, estas veem o jardim de infância como um local onde trabalham e brincam, tendo o educador um papel de orientação. Por outro lado, veem a escola primária como o local dos “meninos crescidos”, onde irão aprender as letras, os números, a ler e a escrever. De um modo geral, todas as crianças entrevistadas querem ir para a escola primária, sendo que as crianças afirmaram que na nova escola irão realizar novas aprendizagens e novas amizades. Já as crianças do 1.º ciclo recordam o jardim de infância com outros olhos, pois referem que no jardim de infância realizavam trabalhos e brincavam, afirmando que brincavam mais do que no 1.º CEB, e destacam algumas diferenças, tais como o lugar as mochilas – uma vez que no jardim de infância estas ficavam fora da sala. É também referida a diferença da presença da família na sala de aula, pois no jardim de infância as famílias podiam deslocar-se à sala, o que já não é possível no 1.º CEB. As crianças que frequentam o 1.º CEB veem o jardim de infância como um local que serve para realizar aprendizagens que os preparam para a entrada na escola básica. Segundo Gonçalves (2013) é extremamente importante que as aprendizagens feitas no jardim de infância tenham seguimento e consolidação no 1.º CEB, de modo às crianças sentirem-se mais confiantes e seguras. Segundo Stief citado por Lino (1998, p.19)

“As experiências de transição bem-sucedidas trazem inúmeros benefícios para as crianças, contribuem para aumentar a sua autoconfiança, aumentar a sua motivação, melhorar as suas relações com outras crianças e adultos, possibilitar o contato com novas experiências e desenvolver um sentimento de confiança entre criança e adultos.”

O último objetivo deste estudo foca-se nos “**fatores condicionantes ou favorecedores no processo de transição**”. Os mais destacados enquanto condicionantes da transição da criança prendem-se com a história familiar, o processo de aprendizagem do

aluno, as características psicológicas, o ambiente socioeducativo, a maturidade e a relação entre professora - criança e professora – família. Contudo, se existir uma boa comunicação entre a educadora e a futura professora estes fatores podem ser suavizados.

Não podemos, no entanto, esquecer que na maior parte das vezes os adultos têm mais receio deste processo de transição do que as crianças. Segundo Serra (2004) o processo de transição e a adaptação ao novo espaço educativo pode ser melhorada se os docentes, tanto o professor como o educador, realizarem uma ponte entre a família e a escola.

No decorrer do estudo surgiram algumas limitações, tais como a dificuldade de realizar as entrevistas, tanto às docentes como às crianças devido a falta de tempo e disponibilidade das mesmas, bem como a falta de oportunidade de observar o processo de transição no decorrer dos estágios.

A realização deste trabalho investigativo, proporcionou-nos a possibilidade de realizar novas pesquisas, sendo que uma delas poderá ser o tema da adaptação das crianças na entrada do 1.º CEB.

Em suma, este exercício investigativo possibilitou-nos compreender melhor a forma como os docentes veem a transição e como esta é trabalhada nos diferentes níveis de ensino. Foi essencial ouvir as crianças e perceber quais as diferenças e a forma como elas lidam com este processo de transição.

Considerações Finais

O presente relatório de estágio revelou-se uma mais valia tanto a nível profissional como a nível pessoal, pois originou a realização de uma reflexão e de uma análise de todo este percurso, enquanto futura educadora e professora, no âmbito do mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Com a realização desta formação de cinco anos tive o privilégio de realizar diversos estágios, em diversos níveis de ensino, que me possibilitaram uma melhor compreensão sobre o trabalho que é desenvolvido em cada contexto educativo.

Relativamente ao mestrado, este foi muito gratificante pois possibilitou-me uma maior compreensão acerca de dois níveis de ensino (educação pré-escolar e 1.º CEB), tendo deste modo conhecido as diferenças e semelhanças destes contextos bem como dos métodos de trabalho de cada um. De acordo com Serra (2004, p.119),

“Enquanto que a escola tem como sujeito o aluno e como objectivo o ensino nas suas diferentes áreas, em contextos de sala de aula, a educação pré-escolar tem como objectivo as relações educativas que estabelecem em sala de actividades e como sujeito as crianças.”

No decorrer das práticas profissionais supervisionadas, foram aparecendo algumas dificuldades, nomeadamente a nível da gestão do tempo, tanto em contexto pré-escolar como no 1.º CEB e a nível da planificação. As atividades nem sempre decorrem no tempo estimado e, por diversos motivos, é necessário modificar a planificação, contudo isso é algo que com o tempo foi aperfeiçoado.

A planificação é algo essencial na prática escolar. Ajudou-me muito durante as minhas intervenções nos estágios, pois era uma forma de pensar no que pretendia realizar e refletir, de forma a compreender se fazia sentido ou não consoante o grupo e o tempo que dispunha. Segundo Quaresma (2018), “A planificação existe para dar sentido e estrutura ao conjunto de ações, objetivos e procedimentos que definimos tendo por base os aspetos fundamentais do currículo.” (p.28). Esta também é uma mais valia nas aprendizagens das crianças, pois esta deve ser um participante ativo no momento de planificar. A criança deve ter a oportunidade de decidir e escolher a sua atividade, sendo que o educador deve orientar e respeitar. De acordo com Quaresma (2018,p.29) “A criança precisa de ser ativa, precisa de se expressar, de pensar sobre as situações, de conversar com os outros, de experimentar, de poder optar, escolher e decidir.”

Durante esse período tive a oportunidade de observar e refletir sobre a minha prática, pensando também no papel do docente, de modo a que pudesse alterar e melhorar as minhas dificuldades, como afirma Laranjeiro (2011), “o papel do educador é encontrar estratégias para que a criança possa ter oportunidade de aceder a um conjunto de vivências formativas”, sendo uma forma de conceber “aprendizagens para si e para o grupo.” (p.128). Deste modo

alterei a minha postura, tornando-a mais presente e comunicativa com as crianças, aproveitando todos os momentos para desenvolver aprendizagens e vivências.

Tendo por base a mesma autora, refere que o papel do docente deve-se centrar em “fomentar a aquisição integrada de métodos de estudo e de trabalho intelectual nas aprendizagens, promovendo a autonomia dos alunos, tendo em vista a realização independente de aprendizagens futuras, dentro e fora da escola.” (p. 27).

Desta forma, considero que o educador tem como função desenvolver momentos de aprendizagens lúdicas, onde as crianças possam aprender com situações do quotidiano, através de observações e imitações da vida real. Por outro lado, o professor deve aproveitar essas aprendizagens para aprofundar os conteúdos presentes no currículo.

Relativamente ao exercício investigativo, a realização do estado de arte ajudou-me a compreender e desenvolver melhor o tema da transição, sendo que compreendi a importância de existir uma continuidade educativa entre os níveis de ensino, o pré-escolar e o 1.º CEB, tanto como a necessidade de conhecer os currículos de cada nível.

A realização de entrevistas às crianças da educação pré-escolar e do ensino do 1.º CEB, educadoras de infância, professoras do 1.º CEB e docentes do ensino superior politécnico, ajudou-me a ver a realidade e a forma como a transição é vivida nas diferentes perspetivas. Sendo que me levou a compreender a importância da OCEPE na educação pré-escolar e a necessidade de uma boa comunicação entre os dois níveis de ensino.

Com as entrevistas às crianças, posso referir que estas veem a transição como uma evolução, sendo vivida com entusiasmo. Nas entrevistas às crianças do 1.º CEB foram referidas as diferenças entre o jardim de infância e o 1.º CEB, contudo apresentam felicidade por essa evolução. Já as docentes vêem a transição de forma natural, sendo que as preparam de formas diferentes. As educadoras tentam preparar os alunos para que não sintam a mudança. As professoras do 1.º CEB recebem as crianças de forma a que estas se sintam bem no novo ambiente educativo. As docentes do ensino superior chamam a atenção para o envolvimento das famílias nestes momentos, pois por vezes são os adultos que estão mais ansiosos pelo processo de transição.

Em modo de conclusão, este relatório possibilitou-me uma reflexão sobre o meu percurso académico, valorizando a minha formação inicial. Onde surgiu também a oportunidade de aprofundar mais sobre o processo de transição, de modo a que, no meu futuro profissional possa preparar bem as crianças neste momento de viragem de um ciclo para o outro.

“Diz-me e vou esquecer. Ensina-me e vou lembrar. Envolve-me e vou aprender”

Benjamin Franklin

Referências Bibliográficas:

- Bogdan, R.; & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Cardona, M. (1997). *Para a História de Infância em Portugal – O discurso oficial (1834-1990)*. Porto: Porto Editora.
- Cardona, M. (2002). *Entre o jardim de infância e a escola: encontros e desencontros...* Revista Aprender, 26. Santarém: Instituto Politécnico de Santarém.
- Carvalho, A. (2010). *Articulação Curricular Pré-Escolar / 1º Ciclo do Ensino Básico: contributos para o sucesso educativo*. Dissertação de Mestrado em Gestão Curricular. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da Investigação-Ação*. Coleção infância. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. (1996). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância (Cap. II, pp.53-80)*. Coleção de infância. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. , & Monge, G., & Oliveira-Formosinho, J. (2016). *Transição entre ciclos educativos- Uma investigação praxeológica*. Coleção de infância. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. (1997). *O contexto Organizacional da Expansão da Educação Pré- Escolar*. Inovação, 10 (1) pp. 21-36.
- Gerhardt, T., & Silveria, D. (coord.), (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS
- Gonçalves, M. (2013). *A comunicação na transição do Pré-Escolar para o 1º Ciclo*. Trabalho de Projeto apresentado para a obtenção do grau de mestre em Ciências de Educação. Lisboa: Escola Superior de Educação Almeida Garrett.
- Guedes, M. & Barros, S., (2010). *O essencial da Psicologia, “à mão de todos”! – Piaget e os seus estádios*. Acedido em 17 de abril de 2019, retirado de <https://segredosdapsicologia.webnode.com.pt/introdução%20à%20psicologia/crescimento-desenvolvimentoeenvelhecimento/desenvolvimento%20ao%20longo%20da%20infância%20e%20adolescência/desenvolvimento-cognitivo2/piaget-e-os-estadios/>
- Laranjeiro, M. (2011). *Educação Pré-Escolar e Primeiro Ano do Primeiro Ciclo do Ensino Básico: que relações pedagógicas e vínculos didáticos?*. Lisboa: Departamento de Educação e Ensino à Distância.
- Lino, D. M. (1998). *A Transição Entre os Dois Primeiros Níveis de Educação Básica Perspetivada através da Utilização do Espaço e dos Materiais*. Braga: Instituto de Estudos da Criança - Universidade do Minho.
- Marchão, A. (2012). *“No jardim de infância e na escola do 1.º ciclo do Ensino Básico – Gerir o currículo oportunidades para construir o pensamento crítico*. Lisboa: Edições Colibri.
- Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e programas*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Nabuco, M. (2002). *Transição do Pré-Escolar para o Ensino Básico*. Revista Aprender, 26. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Niza, S. (1996). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância (Cap. IV, pp.139-156)*. Coleção de infância. Porto: Porto Editora.
- Oliveira, M. (2016). *Entre o jardim de infância e a escola do 1.º CEB – Estratégias de Transição para a escolaridade obrigatória*. Instituto Politécnico de Leiria: Leiria.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e Práticas educativas em creche - das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Universidade de Aveiro.

- Quaresma, M. (2018). "Brincar e planificar com as crianças em Educação Pré-Escolar – Um percurso partilhado. Almada: Instituto Piaget.
- Santos, L. (Org.); Pinto, J.; Rio, F.; Pinto, F.; Varandas, J.; Moreirinha, O.; Dias, P.; Dias, S., & Bondoso, T. (2010). *Avaliar para Aprender. Relatos de experiências de sala de aula do pré-escolar ao ensino secundário*. Porto: Porto Editora
- Serra, C. (2004). *Currículo na Educação Pré-escolar e Articulação Curricular com o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Silva, I. (2016). *Orientações Curriculares para o Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação.
- Silva, M. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sim-Sim, I. (2010). *Pontes, desníveis e sustos na transição entre a Educação pré-escolar e o 1o ciclo da educação básica*. Escola Superior de Educação de Lisboa. Lisboa.
- Transição Portugal (2010). O que é a transição. Aedido em 13 de maio de 2019, retirado de <https://www.transicaoportugal.net>
- Vasconcelos, T. (2007). *Transição Jardim de Infância – 1º Ciclo: Um campo de possibilidades*. Cadernos de Educação de Infância, 81. Lisboa: APEI.
- Vasconcelos, T. (2012). *A casa (que) se Procura – Percursos Curriculares na Educação de Infância em Portugal*. Textos de educação de infância. Lisboa: APEI.

Legislação Consultada

- Decreto-Lei n.º 44/1986, de 14 de outubro. Diário da República nº 237/1986 – I Série. Lei de Bases do Sistema Educativo. Ministério da Educação. Lisboa.
- Despacho n.º 268/97, de 25 de agosto. Ministério da Educação e Ministério da Solidariedade e Segurança Social. Lisboa.

Anexos

Anexo I – Planificação: Tapete sensorial

Estagiária: Susana		Semana 3 – 5 de Janeiro de 2017				
Dia da Semana	Horas	Área de Conteúdo	Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
Quinta-feira	10h-11h	<p>- Desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima positiva: <u>Formação Pessoal e Social.</u></p> <p>- Competência social e comunicacional: <u>Expressão e Comunicação.</u></p> <p>- Desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório: <u>Conhecimento do Mundo.</u></p>	<p>- Desenvolver as diferentes possibilidades de perceções;</p> <p>- Explorar diversos materiais e superfícies;</p> <p>- Explorar sensações a partir de experimentação de movimentos sobre o tapete sensorial;</p> <p>- Explorar diferentes materiais e texturas;</p> <p>- Desenvolver a motricidade.</p>	<p>Atividade- Tapete Sensorial</p> <p>Esta atividade surge para desenvolver os objetivos do nosso projeto.</p> <p>Depois do lanche da manhã, vai ser introduzido na sala um objeto novo: o tapete sensorial. Este irá ser colocado ao centro da sala para as crianças o poderem explorar e observar livremente.</p> <p>A educadora/estagiária vai ficar ao lado do tapete e observar o primeiro contacto com o objeto novo.</p> <p>De seguida, a educadora/estagiária vai comunicando com o grupo que estiver a interagir com o objeto, de modo a desenvolver a linguagem e o conhecimento de novas texturas. (ex: toquem aqui e sintam, que macio que é!).</p> <p>Após a atividade concluída, será apontado o que foi observado ao longo da atividade, como por exemplo: quem não participou, que materiais gostaram mais, quais as primeiras reações ao objeto, entre outras.</p>	<p>Materiais:</p> <p>- Tapete Sensorial</p> <p>Humanos:</p> <p>- Educadora;</p> <p>- Auxiliar;</p> <p>- Estagiárias.</p>	<p>- Observação direta;</p> <p>- Registo Fotográfico.</p>

Anexo II – Planificação: Massa de Moldar

Estagiária: Susana		Semana 3 – 5 de Janeiro de 2017				
Dia da Semana	Horas	Área de Conteúdo	Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
Sexta-feira	10h-11h	<p>- Desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima positiva: <u>Formação Pessoal e Social.</u></p> <p>- Competência social e comunicacional: <u>Expressão e Comunicação.</u></p> <p>- Desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório: <u>Conhecimento do Mundo.</u></p>	<p>- Explorar diferentes formas e cores;</p> <p>- Fortalecer a motricidade fina;</p> <p>- Desenvolver a oralidade;</p> <p>- Desenvolver a criatividade;</p> <p>- Desenvolver a coordenação;</p> <p>- Desenvolver a concentração.</p>	<p>Atividade- Massa de moldar</p> <p>Esta atividade é realizada a partir dos objetivos pensados no nosso projeto.</p> <p>Depois do lanche da manhã, vai ser introduzido um objeto novo na sala: massa de moldar. Esta será colocada em cima de uma mesa, distribuída de forma a que todas as crianças consigam brincar. As crianças serão sentadas à volta da mesa. Existirão três pedaços de massa de moldar e cada um terá uma cor (vermelho, azul, amarelo).</p> <p>A educadora/estagiária irá apresentar o objeto, introduzindo algumas formas para que as crianças possam brincar e fazer figuras com a massa.</p> <p>De seguida, a educadora/estagiária vai comunicando com o grupo que estiver a interagir com o objeto, de modo a desenvolver a linguagem e o conhecimento de novas figuras.</p> <p>Após a atividade concluída, será apontado o que foi observado ao longo da atividade, como por exemplo: quem não participou, quais as primeiras reações ao objeto, quem é que mostrou interesse, entre outras.</p>	<p>Materiais:</p> <p>Massa de moldar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Farinha; - Água; - Sal; - Óleo; - Vinagre; - Corante Alimentar. <p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Educadora; - Auxiliar; - Estagiárias. 	<p>- Observação direta;</p> <p>- Registo Fotográfico.</p>

Anexo III – Planificação: Os locais públicos de Santarém

Atividade 3: Os locais públicos de Santarém						
Data: 4/5/2018						
Dia da Semana	Horas	Área de Conteúdo	Objetivos	Atividade/Estratégias	Recursos	Avaliação
Sexta-Feira	9h30 às 10h00	Área do Conhecimento do mundo:	- Reconhecer unidades básicas do tempo, isto é, diário, semanal e anual.	- Realização da rotina da manhã , o preenchimento da tabela das presenças e conversa sobre o dia, o mês e o ano. As estagiárias começam por perguntar qual das crianças é o chefe do dia. De seguida, pergunta ao chefe, qual é o dia de hoje, o mês, o ano e o dia da semana. O chefe tem como responsabilidade organizar o grupo, ou seja, de pedir para que este esteja sossegado e bem sentado na manta e, ainda de entregar a caneta para que as restantes crianças marquem a sua presença.	Humanos: - Estagiárias; - Educadora; - Ajudante de ação educativa.	Ao longo da atividade: - Observação direta (Grelha de observação) (Anexo III); - Registo fotográfico.
	10h00 às 10h45	Área da Expressão e Comunicação: - Domínio da Linguagem oral e Abordagem	- Conhecer elementos centrais da sua comunidade, realçando aspetos físicos, sociais e culturais (locais públicos de Santarém); - Usar a linguagem oral em contexto, conseguido comunicar eficazmente de	No tapete: A estagiária começa por perguntar: - Qual foi a atividade que realizaram ontem? - Quem é que se lembra a onde é que se entregam as cartas? De seguida questiona sobre a atividade: - Que outros lugares conhecem para além dos correios em Santarém? À medida que as crianças vão dizendo locais públicos, a estagiária	Materiais: - Mapa da Cidade de Santarém; - Imagens de alguns locais públicos de Santarém; (Anexo I) - Nomes do	No final da atividade: Notas de campo.

	10h45 às 11h30	<p>à Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comunicação oral; - Abordagem à Escrita; - Domínio da Educação Artística; 	<p>modo adequado à situação;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer relações entre a escrita e a mensagem oral. - Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas (locais públicos) 	<p>escreve no quadro de giz existente na sala.</p> <p>De seguida pergunta às crianças se sabem para que servem esses locais públicos. A estagiária ao longo da conversa irá intervir para ajudar na explicação de cada local público.</p> <p>-Explicação da atividade</p> <p>A estagiária explica a tarefa seguinte. Esta consiste na elaboração de um desenho sobre os locais públicos abordados anteriormente.</p> <p>Para dar início a estagiária chama uma criança para realizar o desenho, enquanto a restantes crianças irão para as diversas áreas.</p> <p>Na mesa:</p> <p>-Realização da atividade</p> <p>A estagiária começa por pedir para a criança escrever o seu nome na folha A4.</p> <p>De seguida pergunta:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sobre o que é que estivemos a falar no tapete? - Quais foram os locais que falámos? - O que se faz nesses locais? <p>À medida que a criança responde às perguntas a estagiária escreve na folha.</p> <p>Após a conversa a estagiária lê o que a criança disse e, a seguir pede para realizar um desenho de um local à escolha.</p>	<p>locais públicos; (Anexo II)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Folhas A4; - Canetas; - Lápis. 	
--	----------------	---	--	---	---	--

11h30 às 11h50			- Higiene		
12h00 às 13h00			- Almoço		
(13h00 às 14h00)			- Higiene		
14h00 às 15h50			- Pausa das estagiárias		
16h00 às 16h30			- Continuação da atividade/ brincadeira livre nas áreas		
			- Lanche		
			- Higiene		

Descrição da atividade/estratégias:

As estagiárias começam por pedir ao grupo para arrumar os brinquedos de casa e sentar na manta. Assim que o grupo estiver calmo, uma das estagiárias pergunta qual das crianças é o chefe do dia. De seguida, pergunta ao mesmo, qual é o dia de hoje, as estagiárias referem qual foi o dia de ontem, de modo a facilitar a resposta da criança; o mês, dizendo sempre o mês anterior; o ano e o dia da semana, recorrendo sempre ao dia da semana anterior. O chefe do dia tem a responsabilidade de organizar o grupo, ou seja, de pedir para que este esteja sossegado e bem sentado na manta e, ainda e de entregar a caneta para que as restantes crianças marquem a sua presença. O chefe do dia, tem ainda a responsabilidade de ao longo do dia, pedir ao grupo para que arrume as áreas, de chamar para ir a casa de banho, lavar as mãos antes e depois das refeições e de escolher quem é que vai com quem no comboio.

Após a marcação das presenças, o chefe do dia desenha num *post-it* o tempo, para de seguida colocar num calendário existente na sala. Como estratégias para compreender se o grupo atingiu o objetivo, as estagiárias perguntam ao grupo, qual o dia de hoje, o mês, o ano e o tempo.

Após a realização da rotina diária, a estagiária pergunta qual foi a atividade que o grupo realizou ontem e anteontem, de modo, a perceber se as crianças se lembram das atividades realizadas ao longo da semana, isto, antes de introduzir a nova atividade. De seguida é iniciado o tema do projeto, com a realização de algumas questões, tais como: que outros lugares conhecem para além dos correios em Santarém?; onde é que costumam ir passar?; onde é que costuma ir às compras?. Estas questões ajudarão a orientar a conversa e a desenvolver a linguagem das crianças. À medida que a estagiária vai colocando as perguntas tem em atenção que existem crianças que falam menos e por isso vai pedido para que estas respondam.

De seguida, a estagiária começa por mostrar algumas imagens de locais públicos de Santarém. Consoante são mostradas as imagens, são colocadas algumas questões, tais como: que lugar é este?; que se faz neste lugar?; este lugar fica perto do quê?; o que se compra neste local?. Para concluir o momento de tapete, a estagiária explica que de seguida, cada criança escolhe um dos lugares presentes nas imagens e desenha. Será ainda chamado o chefe do dia, para que este mande uma criança de cada vez ir brincar.

A atividade consiste num primeiro momento, em a estagiária escrever o que a criança sabe sobre as questões colocadas quando ainda estavam no tapete, e o segundo momento, em a criança desenhar um dos locais à sua escolha.

A atividade, é realizada com uma criança de cada vez, de modo a que a estagiária possa dar um apoio mais personalizado à criança.

10h45 às 11h30	- Domínio da Educação Física.	- Controlar movimentos de perícia e de manipulação como: lanças, e agarrar (dado).	O jogo será realizado à vez por grupos de 5 crianças.		
11h30 às 11h50			- Higiene		
12h00 às 13h00	- Domínio da Matemática	- Identificar quantidades através de diferentes formas de representação (dado e jogo da glória)	- Almoço - Higiene - Avaliação da atividade com o grupo no tapete.		
(13h00 às 14h00)			- Pausa das estagiárias		
14h00 às 14h50			- Continuação do jogo/ Brincadeira livre no exterior.		
16h00 às 16h30			- Lanche - Higiene		

Descrição da atividade/estratégias:

As estagiárias começam por pedir ao grupo para arrumar os brinquedos de casa e sentar na manta. Assim que o grupo estiver calmo, uma das estagiárias pergunta qual das crianças é o chefe do dia. De seguida, pergunta ao mesmo, qual é o dia de hoje, as estagiárias referem qual

foi o dia de ontem, de modo a facilitar a resposta da criança; o mês, dizendo sempre o mês anterior; o ano e o dia da semana, recorrendo sempre ao dia da semana anterior. O chefe do dia tem a responsabilidade de organizar o grupo, ou seja, de pedir para que este esteja sossegado e bem sentado na manta e, ainda e de entregar a caneta para que as restantes crianças marquem a sua presença. O chefe do dia, tem ainda a responsabilidade de ao longo do dia, pedir ao grupo para que arrume as áreas, de chamar para ir a casa de banho, lavar as mãos antes e depois das refeições e de escolher quem é que vai com quem no comboio.

A atividade consiste na realização do jogo da glória, este, está construído num pano de 2 metros por 2 metros, indo do número 1 ao número 40. Existe um dado grande para ser lançado e as crianças são as peças. As casas do jogo têm diversas cores, sendo que em três casa com cores diferentes serão colocadas regras, como por exemplo:

- Casa cor de laranja- Responde a uma pergunta sobre o tema “A cidade de Santarém”;
- Casa amarela- Avança duas casas para a frente;
- Casa verde- recua uma casa para trás.

As perguntas que serão colocadas nas casas cor de laranja são:

- Casa nº2- Diz um local público de Santarém
- Casa nº 5- Como se chama o Convento que aparece no vídeo?
- Casa nº 6- Como se chama a Torre que aparece no vídeo?
- Casa nº10- Se eu quiser ir ao cinema, vou ao...?
- Casa nº 13- Onde se realizam as touradas?
- Casa nº14- Como se chama os senhores que guardam os touros?
- Casa nº16- Diz um local público de Santarém

- Casa nº 20- Quem é que vive nos conventos?
- Casa nº 23- O que era para ser a torre das cabaças?
- Casa nº 29- Se quiser ir enviar uma carta, vou aos...?
- Casa nº 31- Qual é a nossa cidade? Qual é o nosso país?
- Casa nº 38- Como se chama a nossa região.

A atividade irá decorrer no período da manhã e da tarde. Os grupos são previamente escolhidos pelas estagiárias.

Para terminar o tempo no tapete e dar início à atividade a estagiária chama o primeiro grupo para se colocarem junto à janela para irem para a rua, dar início à atividade e pede ao chefe do dia que mande as crianças irem brincar.

Anexo V – Planificação: Vamos reciclar

3ª feira – 8 de janeiro de 2019							
Área curricular	Gestão do tempo	Domínio	Objetivos	Conteúdos	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Educação Plástica	15h00 16h00 (1h)	Bloco 3 – À descoberta do ambiente natural - Expressão o plástica	<ul style="list-style-type: none"> - Respeitar as regras do jogo; - Participar com empenho; - Elevar o nível funcional das diferentes capacidades; - Cooperar com os colegas nos exercícios; - Realizar adequadamente o que lhes é proposto. 		<p>Atividade: Vamos reciclar</p> <p>Tendo por base a aula anterior, esta aula será um seguimento do mesmo conteúdo.</p> <p>Após a conversa introdutória sobre a reciclagem, será proposto aos alunos a realização de dois ecopontos para a sala de aula (serão apenas dois, uma vez que é apenas dos materiais que estes mais gastam).</p> <p>A estagiária/professora mostra ao grupo as caixas de cartão e refere qual será destinada ao ecoponto amarelo e qual será o ecoponto azul, lembrando para que serve cada ecoponto.</p> <p>De seguida a estagiária/professora divide a turma em quatro grupos.</p> <p>O grupo 1, irá pintar o ecoponto azul; o grupo 2 irá recortar objetos que correspondem ao que se coloca no ecoponto azul; o grupo 3, irá pintar o ecoponto amarelo; o grupo 4, irá recortar objetos que correspondem ao que se coloca no ecoponto amarelo.</p> <p>No fim de explicar a cada grupo o que este irá fazer, as estagiárias/ professoras irão circular pela sala para auxiliar os grupos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Caixas de cartão; - Tintas; - Panfletos de supermercado; - Pincéis; - Tesouras; - Cola. 	<ul style="list-style-type: none"> - Registo fotográfico; - Resultado final.

					Uma vez que os ecopontos poderão não estar secos, os objetos recortados guardam-se e serão colados num outro dia.		
--	--	--	--	--	---	--	--

Anexo VI – Planificação: Pasta de papel

3ª feira – 15 de janeiro de 2019							
Área curricular	Gestão do tempo	Domínio	Objetivos	Conteúdos	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Oferta Complementar/ Expressão plástica	14h00 16h00 (2h)	Expressão plástica Estudo do meio: Bloco 3- À descoberta do ambiente natural	- Desenvolver a habilidade tátil. - Desenvolver a sensibilidade para a reciclagem; - Dar a conhecer uma das transformações do papel; - Dar a conhecer que os materiais reciclados, são reaproveitados.		Atividade: Vamos fazer pasta de papel As estagiárias/ professoras pedem para que o grupo entre na sala e se sente. De seguida é explicado aos alunos que iremos reutilizar o papel que se encontra no saco da reciclagem azul na sala de aula. Esta atividade é composta por diversas etapas, tais como: 1ºetapa: rasgar o papel em pedaços muito pequenos; 2º etapa: juntar os pedaços de papel e adicionar água quente; 3ºetapa: espremer o excesso de água do papel; 4º etapa: adicionar cola branca até ficar com aspeto de pasta; 5º etapa: por último embrulhar a pasta em película aderente e levar ao frigorífico.	- Recipiente de plástico; - Pedacos de papel; - Colher de pau; - Cola branca; - Água quente; - Película aderente.	- Registo fotográfico;

Anexo VII – Planificação: Mobile dos Planetas

Disciplinas / áreas: Apoio ao Estudo, Expressão plástica e Estudo do meio		
Hora	Conteúdos de aprendizagem	Descritores de desempenho / Objetivos
	Comunicação visual Elementos da forma	Experimentar a leitura de formas visuais em diversos contextos – pintura e escultura. Reconhecer e experimentar representações bidimensionais e tridimensionais.
	Atividades / Estratégias / Metodologias	
	<p>Globalmente</p> <p>1ª tarefa – Mobile do sistema solar.</p>	
14h15	<p>Especificamente</p> <p>A professora/estagiária inicia a aula a pedir que os alunos coloquem os materiais que têm em cima da mesa, numa mesa ao fundo da sala. Esta deslocação será feita por filas.</p>	
-		
15h45	<p>De seguida será entregue os alunos folhas de jornal para que estes forrem as mesas. Assim que todos os alunos tenham realizado a tarefa anterior a professora/estagiária explica a atividade. Os alunos irão realizar um mobile do sistema solar, tema abordado nas aulas anteriores. Cada par de alunos será responsável por construir um astro (Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Úrano, Neptuno, Lua e o Sol).</p> <p>A construção será realizada utilizando a técnica de folhas de jornal amachucadas, que serão juntas através de fita-cola e, de seguida forradas com papel higiénico e cola branca.</p> <p>Esta atividade será realizada em diversas aulas.</p> <p>Os alunos, irão juntar-se pelos grupos anteriormente criados. Será distribuído a cada grupo o respetivo planeta, e estes irão dar continuidade à sua pintura, através de tinta acrílica. De seguida serão pintados ao planetas consoante as cores características de cada um.</p> <p>Assim que todos terminarem os planetas irão ser colocados no fundo da sala para secar e será explicado aos alunos, como depois se irá construir o mobile.</p>	

	Recursos	Avaliação (instrumentos/registos e momentos)
	<ul style="list-style-type: none"> - Jornal; - Fita-cola; - Cola branca; - Tintas; - Pincéis; - Planetas. 	<p>A avaliação será realizada através de uma grelha de observação, com os seguintes indicadores:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção: <ul style="list-style-type: none"> - Mostrou empenho na atividade; - Identificou características do seu astro. <p>[A grelha será preenchida por uma estagiária no decorrer das tarefas propostas na atividade. (Anexo VII)]</p>

Anexo VIII – Planificação: Jogo das Pistas

Dia da semana: 31/05 sexta-feira (último dia de estágio)		
Disciplinas / áreas: Expressão físico-motora		
Hora	Conteúdos de aprendizagem	Descritores de desempenho / Objetivos
	Bloco 4 – Jogos	5. Cooperar com os companheiros procurando realizar as ações favoráveis ao cumprimento das regras e do objetivo do jogo. Tratar os colegas de equipa e os adversários com igual cordialidade e respeito, evitando ações que ponham em risco a sua integridade física.
	Atividades / Estratégias / Metodologias	
9h - 10h30	<p>Globalmente</p> <p>1ª tarefa – Jogo de pistas.</p> <p>Especificamente</p> <p>A professora/estagiária entra na sala e pede para que a turma se sente. De seguida a professora/estagiária explica aos alunos que irão realizar um jogo de pistas com outras duas turmas. Será pedido à turma para que forme uma fila à porta da sala. De seguida os alunos irão para a sala do 3º C onde estão as outras duas turmas. Já reunidas as turmas serão explicadas as regras do jogo. Os grupos serão mistos, ou seja, cada grupo terá um aluno de cada turma.</p> <p>O jogo começa com a saída de todos os grupos ao mesmo tempo. Será entregue um cartão para escreverem as respostas e será mostrado uma pista sobre o próximo local, onde encontrarão a próxima pista e assim sucessivamente até ao final.</p> <p>Os cartões das pistas terão perguntas sobre todas as áreas disciplinares do 3º e 4º ano.</p> <p>No decorrer do jogo as professoras/estagiárias estão no recreio para ajudar e orientar os alunos.</p> <p>À medida que os alunos terminem o jogo será entregue um saquinho com rebuçados e gomas.</p>	

	Recursos	Avaliação (instrumentos/registos e momentos)
	<ul style="list-style-type: none">- Folhas das pistas com perguntas;- Folha das respostas.	A avaliação será realizada através observação direta da folha das respostas aos alunos.

Anexo IX – Guião das entrevistas das crianças da educação pré-escolar

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Formulário de Questões	Observações
<p>Bloco A Legitimação da entrevista e Motivação do entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar a natureza do trabalho; - Dar a conhecer o tema e o objetivo geral da entrevista; - Motivar a colaboração do entrevistado/a. 		<p>Informar que a entrevista vai ser gravada</p> <p>Explicar em que consiste a entrevista</p>
<p>Bloco B Finalidades do Jardim de infância</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer os motivos da frequência no jardim de infância; - Identificar as aprendizagens que realizam no jardim de infância . 	<ul style="list-style-type: none"> - O que é o jardim de infância? - Porque é que as crianças vêm para o jardim de infância? - O que é que tu fazes no jardim de infância? - Gostas de estar no JI. Porquê? 	
<p>Bloco C Papel do educador</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as perspetivas das crianças sobre o papel da educadora. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que faz uma educadora? 	
<p>Bloco D</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as opiniões das crianças sobre o 1º ciclo? 	<ul style="list-style-type: none"> - O que é uma escola de 1º CEB? 	

Representação do 1º ciclo		<ul style="list-style-type: none"> - O que é que se faz no 1º ciclo? - Quais as diferenças entre o jardim de infância e o 1º ciclo? 	
<p style="text-align: center;">Bloco E</p> <p>Atitudes face ao 1º ciclo</p>	- Conhecer os sentimentos das crianças relativamente a esta transição.	<ul style="list-style-type: none"> - Estás contente por ir para outra escola? Porquê? - Se pudesses escolher preferias continuar no jardim de infância? Porquê? 	
<p style="text-align: center;">Bloco F</p> <p>Validação</p>	- Conhecer os sentimentos das crianças relativamente a esta transição.	Queres acrescentar alguma coisa sobre o JI e a escola?	

Adaptação de: Bastos, H. (2007). *A criança de transição*. Universidade Portucalense, Porto.

Anexo X – Guião das entrevistas das crianças do 1.º CEB

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Formulário de Questões	Observações
<p>Bloco A Legitimação da entrevista e Motivação do entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Dar a conhecer o tema da entrevista; - Garantir o anonimato das informações; - Motivar a colaboração do entrevistado/a. 		
<p>Bloco B Dados do entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar o entrevistado / entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quantos anos tens? - Há quanto tempo frequentas a escola? 	
<p>Bloco C Finalidades do jardim de Infância</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer os motivos da frequência no jardim de infância; - Identificar as aprendizagens que realizam no jardim de infância . 	<ul style="list-style-type: none"> - Porque é que as crianças vão para o jardim de infância? - O que é que tu fazias no jardim de infância? - O que é que aprendeste no jardim de infância? 	
<p>Bloco D</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as experiências do primeiro dia de aulas na escola; 	<ul style="list-style-type: none"> - Lembras-te como foi o primeiro dia da escola primária? - A escola é como tu pensavas? Porquê? 	

<p>Conhecimentos das crianças relativamente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o que os alunos acham da escola; - Identificar se os alunos diferenciam o jardim de infância da escola. 	<ul style="list-style-type: none"> - Se pudesses mudar algo na escola o que mudarias? - Quais as diferenças entre o jardim de infância e a escola? 	
<p>Bloco E Validação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Dar oportunidade de acrescentar algo; - Agradecer a disponibilidade e a colaboração. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficou alguma coisa por dizer? - Quer acrescentar algo? - Queres acrescentar alguma coisa sobre o JI e a escola? 	

Adaptação de: Bastos, H. (2007). *A criança de transição*. Universidade Portucalense, Porto.

Anexo XI – Guião das entrevistas das educadoras do JI, professoras do 1.º CEB e das docentes do ensino superior

Blocos Temáticos	Objectivos Específicos	Formulário de Questões	Observações
<p align="center">Bloco A Legitimação da entrevista e Motivação do entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar a natureza do trabalho; - Dar a conhecer o tema e o objetivo geral da entrevista; - Garantir o anonimato das informações; - Motivar a colaboração do entrevistado/a. 	<p>Pedir autorização para a gravação da entrevista</p>	
<p align="center">Bloco B Dados do entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a formação académica e a experiência profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais as suas habilitações académicas? - Há quantos anos exerce a sua profissão? - Exerceu sempre na mesma instituição? Em quantas instituições já exerceu? - Na atual instituição exerce há quanto tempo? 	
<p align="center">Bloco C Transição da criança do pré-escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a forma como as entrevistadas definem a transição. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que entende por transição? - Considera que é necessário trabalhar as transições? - Como se prepara a transição das crianças do pré-escola para a entrada no 1º ciclo? 	

<p>Bloco D</p> <p>O papel do educador e do professor no processo de transição</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o papel do educador e do professor do 1º ciclo nas transições; - Conhecer as estratégias para a transição das crianças; - Compreender o processo de transição das crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> - Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a transição no 1º ciclo? Essas estratégias são eficazes? -Quais são os fatores que condicionam as transições? 	<p>Essas estratégias são eficazes? Porquê?</p> <p>Os que facilitam e os que dificultam</p>
<p>Bloco E</p> <p>Validação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Relembrar o tema e o objetivo geral da entrevista. - Dar oportunidade de acrescentar algo; - Agradecer a disponibilidade e a colaboração. 	<ul style="list-style-type: none"> - Deseja acrescentar alguma coisa? - Ficou alguma coisa por dizer? 	<p>Referir que após a entrevista ser transcrita, irá ser entregue um exemplar ao entrevistado, para verificar se está tudo correto.</p>

Adaptação de: Bastos, H. (2007). *A criança de transição*. Universidade Portucalense, Porto.

Anexo XII – Transcrição das entrevistas das crianças da educação pré-escolar

➤ **Entrevistado C1:**

Entrevistadora: O que é o jardim de infância?

Entrevistado: (sem resposta)

Entrevistadora: o que é que as crianças fazem no jardim de infância?

Entrevistado: Trabalham, também aprendem, também “brincam”, também fazem desenhos e veem livros.

Entrevistadora: O que é que tu fazes no jardim de infância?

Entrevistado: Brincar.

Entrevistadora: Porque é que as crianças vêm para o jardim de infância?

Entrevistado: Porque gostam muito.

Entrevistadora: Tu gostas de estar no JI? Porque?

Entrevistado: Sim. Porque também gostem que fique ao pé deles.

Entrevistadora: O que faz uma educadora?

Entrevistado: Aprende com os amigos, ensina nos a aprender os números, também...

Entrevistadora: O que é uma escola de 1.º CEB?

Entrevistado: Amor...

Entrevistadora: O que é que se faz no 1.º ciclo?

Entrevistado: Também vão brincar para a rua, brincam com os mais pequeninos que ainda não sabem aprender números....

Entrevistadora: Quais as diferenças entre o jardim de infância e o 1.º ciclo?

Entrevistado: (sem resposta)

Entrevistadora: E estas contentes para ires para a escola nova? Porque?

Entrevistado: Sim, porque eu gosto também...

Entrevistadora: Se pudesses escolher preferias continuar no jardim de infância ou ires para a nova escola? Porquê?

Entrevistado: Para a nova escola, porque também gostava de aprender na nova escola.

Entrevistadora: Queres acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistado: Não.

➤ **Entrevistado C2:**

Entrevistadora: O que é o jardim de infância?

Entrevistado: É a nossa escola.

Entrevistadora: Porque é que as crianças vêm para o jardim de infância?

Entrevistado: Porque...

Entrevistadora: O que é que tu fazes no jardim de infância?

Entrevistado: Aprendo...aprendo com a (nome) educadora...ensina, agora esta a ensinar a musica que vamos cantar... também brinco... também faço desenhos...faço puzzles.

Entrevistadora: Gostas de estar no JI. Porquê?

Entrevistado: sim, porque eu gosto da escola

Entrevistadora: O que faz uma educadora?

Entrevistado: Ensina a recortar... também

Entrevistadora: O que é a escola do 1.º ciclo?

Entrevistado: São os meninos crescidos.

Entrevistadora: E o que se faz no 1.º ciclo?

Entrevistado: aprendem a ler e também a escrever... e também mais coisa a fazer contas.

Entrevistadora: Quais as diferenças entre o jardim de infância e o 1.º ciclo?

Entrevistado: A escola dos crescidos tem só um brinquedo eu vi e a minha tem muitos... também aprendem a não bater aos amigos na escola dos crescidos.

Entrevistadora: Queres acrescentar alguma coisa sobre o JI e a escola?

Entrevistado: Não.

➤ **Entrevistado C3:**

Entrevistadora: O que é o jardim de infância

Entrevistado: É uma diversão... também.

Entrevistadora: Porque é que as crianças vêm para o jardim de infância?

Entrevistado: Porque as mães deixam

Entrevistadora: O que é que os meninos fazem no jardim de infância?

Entrevistado: Fazem trabalhos e também brincam.

Entrevistadora: Gostas de estar no JI? Porque?

Entrevistado: Sim, porque sempre que nós nos aleijamos eles ajudam-nos

Entrevistadora: O que faz uma educadora?

Entrevistado: Fala com os meninos, também trabalha e as vezes brinca com os meninos

Entrevistadora: O que é uma escola do 1.º ciclo?

Entrevistado: É onde as pessoas aprendam a fazer coisas, letras e números, também brinca-se.

Entrevistadora: Quais as diferenças entre o jardim de infância e o 1.º ciclo?

Entrevistado: Cá não escrevo e lá em cima vou escrever...

Entrevistadora: Estás contente por ir para outra escola? Porquê?

Entrevistado: Sim, porque vou ter amigos novos.

Entrevistadora: Se pudesses escolher preferias continuar no jardim de infância? Porquê?

Entrevistado: Não, porque eu quero ir lá para cima...para escrever e a aprender a escrever

Entrevistadora: Queres acrescentar alguma coisa sobre o JI e a escola?

Entrevistado: Não.

Anexo XIII – Transcrição das entrevistas das crianças do 1.º CEB

Entrevistadora- Quantos anos tens?

C4 - 6 anos

C5 -6 anos

C6 - 6 anos

C7 - 6 anos

C8 - 6 anos

C9 - 6 anos

C10 - 6 anos

Entrevistadora - Há quanto tempo frequentas a escola?

C4 - há um mês

C5 -primeiro ano

C6 - primeiro ano

C7 - primeiro ano

C8 - primeiro ano

C9 -alguns meses

C10- alguns meses

Entrevistadora- Porque é que as crianças vão para o jardim de infância?

C4- para aprender

C5 -para depois conseguirem ir para a escola primária

C6 - não percebi

C7 - não respondeu

C8 - para a gente ir para a escola para se comportar bem

C9 - vamos para o jardim de infância para aprendermos para irmos para a escola

C10 - para aprender para ir para a escola

Entrevistadora - O que é que tu fazias no jardim de infância?

C4- trabalhava e brincava

C5 - Aprendia sobre as coisas e brincava às vezes

C6 - eu fazia trabalhos, pinturas e brincava

C7 - trabalhava

C8 - escrevia, fazia os trabalhos, brincava e brincava

C9 - nós fazíamos os trabalhos, brincávamos, íamos ao parque, brincamos dentro da sala, víamos os livros, fazíamos jogos, fazíamos muitas coisas.

C10 - íamos passear e a tarde víamos televisão ...

Entrevistadora – o que é que aprendeste no jardim de infância?

C4 - a pintar dentro dos risquinhos

C5 - não me lembro uma coisa que tenha aprendido no jardim de infância, já sabia escrever os números

C6 - não me lembro, os números e as letras do meu nome

C7 - aprender as letras, só algumas

C8 - algumas letras e a pintar dentro do tracinho

C9 - aprendi a não bater aos amigos nem morder, porque eu nunca foi menina de bater nem de morder e depois aprendi a pintar muito bem, dentro do risquinho e aprendemos os números, aprendemos a portarmo-nos bem e aprendemos a tar caladinho e a fazer muitas coisas

C10 - a não dar aos pontapés, não dar murros, não deitar ao chão, não empurrar...

Entrevistadora - Lembras-te como foi o primeiro dia na escola?

C4 - foi a ver como é que a escola era, para ficarmos a ver os sítios onde era...

C5 - sim, a mãe veio comigo e eu conheci todos os cantos da escola, conheci o recreio e a biblioteca

C6 - não

C7 - não

C8 - lembro-me, foi visitar os cantos, a professora deu um chupa com asas de borboletas

C9 - lembro-me, nós andamos a ver onde eram os sítios, andamos a ver onde é que era a nossa sala e quando estávamos sentadinho na sala para a professora dizer as coisas que nos íamos fazer cá na escola

C10 -sim, “fomos à floresta” (não se lembra)

Entrevistadora - A escola é como tu pensavas? Porque?

C4 - no jardim de infância pensava que a sala era mais pequena, que não ia ser as mesas assim que iam ser só aquelas, que não tivesse aquele quadro projetado e que tinha outro

C5 - antes do primeiro dia de aulas eu pensava que ia ser bom e foi, eu achava que a sala era um bocadinho mais pequenina

C6 - eu pensava que não ia fazer amigos novos, a escola média

C7 - não respondeu

C8 - pensava que era mais média, pensava que a sala era mais grande “maior”

C9 - não, porque eu pensava que a escola era maior e que a sala era maior, porque o pai andou nesta escola e eu perguntei-lhe e ele disse que era assim como esta

C10 - sim, um pouco grande

Entrevistadora -Se pudesses mudar algo na escola o que mudarias?

C4 - quando trocamos de lugar lá na escola temos de trocar as cadeiras...mudava as cadeiras

C5 - não sei uma coisa que posso mudar aqui na escola

C6 - a sala, porque se não fizermos poucas atividades

C7 - não mudava nada

C8 - mudava a escola, punha o recreio maior, o espaço e o tempo de recreio

C9 - eu mudava a sala, pudemos mudar as mesas as coisas, para termos umas mesas para fazer atividades

C10 - a sala...as mesas e a casa de banho

Entrevistadora - Quais as diferenças entre o jardim de infância e a escola?

C4 - as mochilas penduravam-se num cabide e não nas cadeiras, e as mesas porque não eram assim retangas eram círculos

C5 - a outra escola a mãe podia entrar na escola até eu tar na sala

C6 - eu não faco desenhos na escola

C7 - não respondeu

C8 - lá na creche as mãe podiam entre lá dentro da sala e aqui não e na creche tinha coisinhas para por as malas lá fora

C9 - nós no jardim de infância não íamos ao parque nem fazíamos jogos, e aqui só ouvíamos música lá no jardim e víamos vídeos

C10 - não sei... não me lembro... as mesas eram diferente e brincava mais

Entrevistadora - Ficou alguma coisa por dizer?

Anexo XIV – Transcrição das entrevistas das educadoras JI, professoras do 1.º CEB e das docentes do ensino superior

➤ **Entrevistado E1:**

Entrevistadora: Quais as suas habilitações académicas?

Entrevistado: Eu tirei o bacharelato, três anos no fundão e depois fiz a licenciatura na João de Deus, já à uns anos... à uns 11 anos. Na maior parte do tempo tenho trabalhado com crianças sempre no pré-escolar, tive na formação de professores, tive a trabalhar na direção regional de Lisboa, já participei em vários projetos desde do pré-escolar ao secundário. Trabalhei sempre na função pública, ou seja em jardins oficiais, da rede pública, não em jardins privados.

Entrevistadora: Há quantos anos exerce a sua profissão?

Entrevistado: Já tenho 37 anos de serviço.

Entrevistadora: Exerceu sempre na mesma instituição? Em quantas instituições já exerceu?

Entrevistado:

Entrevistadora: Na atual instituição exerce há quanto tempo?

Entrevistado: Estou aqui a relativamente pouco tempo, tive cá a cinco anos, durante um ano e depois fui-me embora para o norte e agora estou aqui, no segundo ano.

Entrevistadora: O que entende por transição?

Entrevistado: Transição é transição a própria palavra o diz. Transição significa transitar, mudar, ir para outro ciclo, neste caso do pré-escolar para o 1.º ciclo...

Entrevistadora: Considera que é necessário trabalhar as transições?

Entrevistado: Claro, que sim. O nosso trabalho geralmente, na maioria dos jardins de infância onde eu trabalhei é sempre com as três idades, sempre com grupos heterogéneos, com grupos de três, quatro, cinco e seis anos e há vezes até de sete. E o nosso trabalho é sempre direcionado para o grande grupo, embora depois consoante as temáticas seja direcionado aos três, estou a falar num tema, o tema é geral para todos, mas depois com as crianças de três anos é trabalhado de uma certa forma, das de quatro a mesma coisa e depois as crianças que vão transitar para o 1.º ciclo.

Há um trabalho mais direcionado nos cinco anos... para realmente a criança chegar ao 1.º ciclo ter as base para poder começar a ler e a escrever, porque isso não é nossa função, nós é fazer, portanto a iniciação à escrita, à leitura, à matemática... é o desenho a parte gráfica, a pintura, os jogos, a lateralidade... todas essas coisas são importantíssimas que sejam trabalhadas ao máximo no jardim de infância para que a criança quando entrar e chegar ao 1.º ciclo esteja muito mais recetiva a saber as regras, o comportamento, o saber estar, o saber ser... construir frases, por vezes já comecem a fazer as letras de imprensa, mas isso elas já visualizam apenas porque nós não... damos as letras, nós trabalhamos muito os psicomotricidade-fina, os grafismos e isso é que vai depois facilitar todo o trabalho que é feito depois no 1.º ciclo.

Realmente uma pré-escola bem feita, e geralmente as crianças que frequentam três anos do jardim de infância, vão preparadíssimas para depois comecem a receber realmente as aprendizagens...

Entrevistadora: Como se prepara a transição das crianças do pré-escolar para a entrada no 1.º ciclo?

Entrevistado: Fazendo este trabalho que lhe acabei de dizer...

Entrevistadora: Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a transição no 1.º ciclo? Essas estratégias são eficazes?

Entrevistado: Trabalhar no jardim de infância as regras que tem que ser cumpridas, o saber estar mais tempo calados, o falar mais baixo, estar mais tempo sentados, respeitarem as regras da sala, respeitarem os colegas... a nível de comportamento controlar o comportamento, fazer concentração, os jogos, danças, jogos estratégicos... começar por escrever o nome no canto superior esquerdo da folha sempre, porque a

escrita faz-se da esquerda para direita... a criança começa a visualizar. É muito importante as histórias, e a interpretação das histórias, não ser um educador muito expositor, mas sim perguntar, mas deixar a criança deitar cá para fora, é extremamente importante deixa-la fala, estruturar. O desenho é uma atividade nobre do jardim de infância, não se pode banalizar no jardim de infância.

Entrevistadora: Quais são os fatores que condicionam as transições?

Entrevistado: A maturidade é uma delas, pode condicionar a transição, depende da parte emocional, da família, do equilíbrio de como a criança realmente esta, sobretudo emocionalmente é muito importante. Às vezes ainda não estão desenvolvidas ainda na parte gráfica, mas em todas as crianças gostam de fazer desenho, desde que ele desenhe uma figura humana com cabeça, olhos, nariz, boca, uns desenham mais melhor, uns gostam mais desenho... se aos cinco anos a criança desenha a figura humana com uns girinos, com os braços a sair pela cabeça algum esta muito grave e muito mal. Se uma criança me desenha uma casa sem telhado, sem janela, sem porta, não esta estruturada mentalmente, portanto essa criança não esta a ver o que está mal, será que está em condições de ir, mas isso são os fatores que podem condicionar a passagem.

Entrevistadora: Deseja acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não, é só isso. Gosto muito do que faço e desejo as melhores felicidades.

➤ **Entrevistado E2:**

Entrevistadora: Quais as suas habilitações académicas?

Entrevistado: Licenciatura

Entrevistadora: Há quantos anos exerce a sua profissão?

Entrevistado: 28 anos

Entrevistadora: Exerceu sempre na mesma instituição? Em quantas instituições já exerceu?

Entrevistado: Não, exerci em duas Instituições.

Entrevistadora: Na atual instituição exerce há quanto tempo?

Entrevistado: Há 26 anos.

Entrevistadora: O que entende por transição?

Entrevistado: É a passagem de uma etapa...ciclo, processo evolutivo.

Entrevistadora: Considera que é necessário trabalhar as transições?

Entrevistado: Considero que se devem estimular essas mudanças, desenvolvendo capacidades adaptativas, sociais, motivando as crianças para o desenvolvimento de aptidões cognitivas, valorativas, em ambiente lúdico, afetivo e desafiador.

Entrevistadora: Como se prepara a transição das crianças do pré-escolar para a entrada no 1.º ciclo?

Entrevistado: Mais do que preparar, algo que é subjetivo, parece-me essencial promover a aprendizagem gradual de cada criança, visando a concretização das metas previstas, nas orientações curriculares para o Pré-Escolar. Promovo algumas estratégias que visam essa transição, nomeadamente, realizando visitas e partilha de momentos festivos, com idas às futuras escolas e convite a assistirem á festa de finalistas do pré-escolar.

Entrevistadora: Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a transição no 1.º ciclo? Essas estratégias são eficazes?

Entrevistado: Acabei por responder, resumidamente, na questão anterior. Relativamente á sua eficácia/ineficácia, parece-me que terão de ser auferidas de forma particular. São facilitadoras e habitualmente as crianças, apresentam maiores

competências e confiança nas suas habilidades motoras e cognitivas, contudo haverá fatores individuais de personalidade que influenciarão essa passagem, com impactos diferenciados.

Entrevistadora: Quais são os fatores que condicionam as transições?

Entrevistado : Fatores diferenciadores, tais como, história familiar e processo de aprendizagem de cada criança, ambiente socioeducativo, problemas de saúde, características psicológicas e comportamentais.

Entrevistadora: Deseja acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Agradeço a participação no questionário e desejo um futuro promissor, numa atividade profissional, como esta, que sendo tão rica e fundamental, ainda carece da devida valorização.

➤ **Entrevistado P1:**

Entrevistadora: Quais as suas habilitações académicas?

Entrevistado: Licenciatura, portanto eu tirei primeiro o bacharelato, anos depois fiz a licenciatura em necessidades educativas e apoios educativos.

Entrevistadora: Há quantos anos exerce a sua profissão?

Entrevistado: Há vinte e quatro anos e uns mesitos, não tenho anos completos de serviços.

Entrevistadora: Exerceu sempre na mesma instituição? Em quantas instituições já exerceu?

Entrevistado: Não, já passei por quatro ou cinco instituições. Eu sou daquelas que me considero sortuda que não tive necessidade de andar sempre assim a saltitar.

Entrevistadora: Na atual instituição exerce há quanto tempo?

Entrevistado: Há 12 anos.

Entrevistadora: O que entende por transição?

Entrevistado: Portanto a transição tem a ver com a passagem dos meninos do jardim de infância para a adaptação deles à escola, portanto 1º ciclo ... e depois do 4º para o 5º ano. Portanto tem de haver e há sempre uma preparação para que eles não aterrem aqui assim sem mais nem menos.

Entrevistadora: Considera que é necessário trabalhar as transições?

Entrevistado: Sim, sem dúvida. Até porque esta escola, e eu falo nesta escola, é muito grande e eles vêm habituados a uma escolinha mais pequenina, pronto não tem nada a ver portanto convêm até para nós conhecermos bem os alunos, falar com as educadoras ver quais são as dificuldades para começarmos logo a trabalhar também em força com eles.

Entrevistadora: Como se prepara a transição das crianças do pré-escolar para a entrada no 1º ciclo?

Entrevistado: Aqui em relação a isso, temos sempre reuniões com as educadoras no início do ano ... em que elas falam dos seus alunos. Este ano tivemos também a intervenção precoce e não com as educadoras, pronto foi uma situação diferente, não sei porquê, porque em anos anteriores as educadoras estão sempre nessa passagem. Apesar disso as educadoras estão sempre presentes nas reuniões de avaliação, em todos os períodos, em que vão falando com as colegas sempre e dizendo como as crianças estão, ou seja, já vai sendo uma preparação para quando chegamos ao final do ano letivo as colegas que vão receber esses meninos das educadoras, também já sabem como é que eles estão. Pronto são uns minutinhos que elas (educadoras) vão às nossas reuniões.

Na outra escola onde exerci, inclusivamente às vezes as crianças até tinham atividades com professores do agrupamento onde iam, e cheguei a fazer essa transição muito antes de se falar em agrupamento, por exemplo estive a trabalhar em Castanheira de Pêra já há alguns anos e os meninos já tinham aulas com professores do 2º ciclo e iam há própria escola para onde iam, que era ótimo.

Entrevistadora: Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a transição no 1º ciclo? Essas estratégias são eficazes?

Entrevistado: Portanto temos sempre a recepção inicial às crianças, em que fazemos uns joguinhos, umas brincadeiras, pronto no primeiro dia em que os pais também estão (...) depois eles tem um momento lúdico enquanto nós ficamos em reunião com os pais eles saiam um bocadinho, vão conhecer a escola com uma professora ou uma auxiliar (...) depois no dia a dia em sala de aula, portanto começo logo a organiza-los, pronto com a própria sala, pronto vou vendo. Normalmente início o ano com a sala em “U” o que depois acaba por ir sendo alterado, porque a sala em “U” eles estão de frente uns para os outros e acabam por querer conversar muito, depois a nível de materiais este ano tenho colocado os livros debaixo das mesinhas, os cadernos também, para não haver tanta confusão. Tem os materiais de apoio sempre como recurso ao pé da secretária, pronto que eles também podem utilizar.

Eles têm os lenços, o papel higiénico, as toalhas sempre que necessitam podem se levantar para ir buscar, isto também para não estarem sempre a interromper e a cortarem a aula, pronto e as idas há casa de banho, vou mais do que aquilo que eu gostaria, mas nos primeiros dias também como eu não os conheço muito bem, tem digamos sempre autorização para ir.

Entrevistadora: No pré-escolar impõe-se muita autonomia, já no 1º ciclo essa autonomia alterasse.

Entrevistado: É, eles às vezes quando toca para a entrada pedem “Oh! Professora posso ir á casa de banho?” Vêm de baixo e passam pela casa de banho, mas acabam por não ir, pronto. Portanto isso são todo regras que nós vamos inculcando, pois, a fila à entrada da sala, que isso é uma coisa que nós sempre fizemos aqui, para que eles não fiquem tão agitados.

Entrevistadora: Quais são os fatores que condicionam as transições?

Entrevistado: Em relação aos fatores que condicionam, pronto este ano como não houve aquela reunião com as educadoras, pronto foi um bocadinho mais difícil embora conhecesse os alunos mais problemáticos, mas havia aqui um ou outro. Portanto em relação á transição eu tive mais *feedback* da parte dos pais, ou seja, os pais é que

disseram “Oh! Professora olhe que eles já se conhecem todos desde dos três anos, este não pode ficar com aquele, porque eles são muito amiguinhos”, ou seja, a transição foi feita digamos pela parte dos pais (...) pronto, depois a idade deles também acho que condicionam um bocadinho, porque é assim eu tive meninos de 5 anos, acabei por não saber, eles tiveram jardim de infância e acabei por não saber muito bem como é que eles vinham e notei que alguns eram bebês, pronto o que se tornou difícil. Depois de eles virem para uma professora nova, aquele choro no início, de um modo geral acabaram por se adaptar e estão bem. Acho que não houve assim nada de muito complicado, porque é assim nós acabamos sempre por os conhecer aos pouquinhos e acabamos sempre por dar a volta, porque nos arranjos sempre maneira de ultrapassar alguma dificuldade.

Entrevistadora: Deseja acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não.

➤ **Entrevistado P2:**

Entrevistadora: Quais as suas habilitações académicas?

Entrevistado: Tenho a Licenciatura no 1.º Ciclo do Ensino Básico, tirei na Escola Superior de Educação de Torres Novas, durante 4 anos de curso.

Entrevistadora: Há quantos anos exerce a sua profissão?

Entrevistado: Exerço há 16 anos.

Entrevistadora: Exerceu sempre na mesma instituição? Em quantas instituições já exerceu?

Entrevistado: Não, já exerci em muitas escolas. Iniciei pela zona de Lisboa. Estive bastante tempo lá: fazia dois meses numa escola, três meses noutra. Assim, em média por ano três escolas, depois comecei a estabilizar um pouco. Entretanto fui colocada da

minha residência e estive lá três anos, o que considero uma sorte. Depois voltei a ficar longe, a 70 km de distância.

Entrevistadora: Na atual instituição exerce há quanto tempo?

Entrevistado: Nesta instituição exerço há seis anos, sendo este o sexto ano.

Entrevistadora: O que entende por transição?

Entrevistado: A transição é a preparação das crianças quando chegam aqui ao 1.º Ano. Sentir se estão preparadas, ter um diálogo formal e até por vezes informal com as várias educadoras, que eles não veem todos da mesma (quando possível). Conseguimos através de colegas chegar aos contactos para ter uma conversa, às vezes pelo telefone com as educadoras, onde tentamos perceber o nível de cada um, as características mais particulares de cada um e se estão ou não preparados, que tipo de abordagens é que temos de fazer principalmente nas primeiras semanas no 1.º Ano.

Entrevistadora: Considera que é necessário trabalhar as transições?

Entrevistado: Sim, considero que é fundamental. É fundamental que eles percebam e compreendam que nos já temos algum conhecimento deles prévio. Conhecimento esse também que não só das educadoras, mas também dos próprios pais, das conversas. Nós vamos conhecendo-os, o que é importante para que se sintam seguros e tranquilos. Acho que isso é muito importante.

É fundamental que se realizem reuniões, nós chamamos as Reuniões de Articulação Vertical, neste caso entre o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo. São realizadas no início do ano letivo, antes de estarmos com eles, uma reunião formal, onde as educadoras nos transitem as informações que considerem relevantes, sobre cada aluno ou sobre o grupo em geral.

Entrevistadora: Como se prepara a transição das crianças do Pré-Escolar para a entrada no 1.º Ciclo?

Entrevistado: Após essa abordagem com as educadoras, é feito um trabalho. Eles estão agora no segundo ano, no ano passado era feito um trabalho no início de cada

aula, um trabalho de acomodação, criar um ambiente calmo e sereno, de modo a que eles percebam a mudança e que esta não seja um choque para eles.

Nós sabemos que para uma criança de cinco, seis anos é muito difícil, pois o ambiente do 1.º Ciclo é um pouco diferente do ambiente no Pré-Escolar. O estar sentado durante mais tempo, ter e cuidar do seu material, respeitar as regras, tudo isto é trabalhado a pouco e pouco. Alguns já trazem isso do “jardim” e de casa, a própria educação, outro não e isso tem de ser gradualmente trabalhado e consoante o grupo.

Esta turma é uma turma até calma, mas mesmo aquelas crianças que não são tão calmas acabam por adotar aquele comportamento, porque é um comportamento padrão do grupo.

No ano passado eu tinha muitos problemas comportamentais aqui de um aluno, que este ano esses problemas já não existem, acabaram completamente. Porque ele com o tempo foi percebendo que era o único a ter aquele comportamento. A regras não vinham de casa também e muito menos do “jardim”. Então teve de ser aqui, um acompanhamento gradual até um acompanhamento feito no recreio, na hora do almoço, nos momentos informais e de brincadeira. Porque ele não sabia sequer brincar e estar, não sabia partilhar uma bola, não sabia entreter-se com algo. E isso teve de ser trabalhado.

Entrevistadora: Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a transição no 1.º Ciclo? Essas estratégias são eficazes?

Entrevistado: Normalmente no início do ano letivo, organizamos o espaço da nossa sala de aula, consoante as necessidades. O “Cantinho da Leitura”, temos ali o nosso animal de estimação, o “Cantinho da Matemática” e das Expressões. Eu acho que é muito importante os alunos fazerem parte do “arranjar” este ambiente, onde eles vão estar muitas horas por dia. Eles participam no arranjo da sala, na organização dos materiais dentro dos armários da sala, porque no início do ano trazem sempre muitas coisas, que nós pedimos, eles ajudam a organizar e a etiquetar com os nomes alguns materiais que não venham identificados de casa. É muito importante eles perceberem as regras, e as regras não somos nós que as ditamos, são eles próprios que chegam à conclusão que é preciso isto, e isto para que haja um ambiente sossegado e positivo para a aprendizagem.

Com este grupo não tive esse tipo de problemas, tirando um aluno mais complicado, eles próprios é que “ditaram” as regras que temos ali expostas, temos ali o Quadro do

Comportamento desse tal aluno que felizmente já não é utilizado tão assiduamente, pois ele próprio já aprendeu a gerir os seus comportamentos.

Temos também, o registo do comportamento no Caderno de Casa (no Comboio do Comportamento) que vai diariamente para casa, para os pais puderem ver. Em algumas situações mais delicadas ligo diretamente aos pais para explicar o que aconteceu, fazendo “a ponte” com a família. As crianças sabem que essa ponte existe, sabem que há até em alguns casos uma relação de amizade com os próprios Encarregados de Educação e isso é uma mais valia, porque eu, no meu entender é muito importante.

Entrevistadora: Quais são os fatores que condicionam as transições?

Entrevistado: A boa relação entre a família e a boa relação com o aluno, de modo a ele perceber que as regras são para cumprir e se não as cumpre, temos de ser justos e dar, por exemplo, um vermelho num dia em que não foi tão bom, temos de ser muito justas porque eles próprios são muito corretos nessas pequenas coisas. Eles próprios gerem os seus comportamentos.

Entrevistadora: Deseja acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Obrigada.

➤ **Entrevistado D1:**

Entrevistador - Quais as suas habilitações académicas?

Entrevistado – Doutoramento.

Entrevistador- Há quantos anos exerce a sua profissão? Na atual instituição exerce há quanto tempo?

Entrevistado – Há muitos, aqui na esses a 33 anos

Entrevistador - Exerceu sempre na mesma instituição? Em quantas instituições já exerceu?

Entrevistado – Não, comecei a trabalhar em jardins de infância e depois no Ministério de Leiria, fui fecha-lo. Sai do ministério e vim para aqui quando a eses abriu, estou aqui desde 86.

Entrevistador - O que entende por transição?

Entrevistado – Transição implica sempre uma mudança, de uma coisa para outra. Mas depois há as transições de muitos aspetos, há muitas transições que vivemos na vida, na vida pessoal, na vida profissional e na vida académica. Penso que é sobre essas que quer falar.

Entrevistador - Considera que é necessário trabalhar as transições?

Entrevistado – Sim!!

Entrevistador - Como se prepara a transição das crianças do pré-escolar para a entrada no 1º ciclo?

Entrevistado – Não pode haver uma receita única, tem de se trabalhar conforme os grupos, conforme os contextos, etc. Por exemplo é completamente diferente as crianças que vem do privado para o público, por exemplo no privado só existe educação de infância não tem contacto com a escola e no centro escolar já tem o jardim de infância e a escola já é completamente diferente, já se conhecem, já se cruzam no recreio, já os professores os conhecem, é diferente.

Portanto, em primeiro lugar uma questão que me parece ser fundamental, vou começar pelos adultos e depois para as crianças e pelas as famílias.

Acho fundamental haver um conhecimento de parte a parte, e acho que o vosso mestrado Prépri (educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico) é fundamental, que se conheça que está a trabalhar no pré-escolar conheça bem as práticas educativas do 1º ciclo e o contrário e, que se perceba as especificidade de cada nível de ensino, que são diferentes mas, também tem aspetos comuns, que conheça os programas, etc. Depois é fundamental que se articulem e que trabalhem em conjunto, para preparar a transição tem que trabalhar em conjunto e conhecerem o que foi trabalhado, etc. E não é conhecer como... estou a falar de educadores e professores, os professores conhecerem as crianças que tem problemas, não! Conhecerem o que

foi feito e como são as crianças, o que elas já sabem, como também as dificuldades, ambas as coisas são importantes. Para as crianças também é importante conhecerem o trabalho que se faz no jardim de infância e na escola. Para perceberem o que vai mudar na vida delas, e é importante que mude, quando se fala de transição não tem de ser igualzinho, alias vocês fizeram entrevistas as crianças e é importante que eles sintam que cresceram e que mudaram as coisas, agora que essa mudança que seja acompanhada e não seja demasiado brusca, que os faça sentir desprotegidos.

Relativamente as famílias acho que é igualmente importante informar as familiar para não ficarem muito ansiosas, porque geralmente ficam e tantos os educadores e professores apoiarem as famílias para que possam apoiar os seu filhos neste processo de transição.

A escola não é um castigo, uma transição na vida deles, vão aprender coisas novas, vão crescer.

Entrevistador - Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a transição no 1º ciclo? Essas estratégias são eficazes?

Entrevistado – Não basta fazer festas em conjunto, não basta fazer visitas de estudo conjuntas, isso não é suficiente, como é evidente. Alias cada vez mais esta a acontecer e devia acontecer, por exemplo no público há os departamentos do pré-escolar e o departamento do 1º ciclo e com as coordenadoras se reúnem e trabalham em conjunto, agora não é o 1º ciclo a impor as suas práticas ao jardim de infância nem ao contrário, é uma mistura, é um trabalho conjunto que deve ser feito, estamos a falar da gestão flexível de acordo com o perfil do aluno, perceber as mais valias que o pré-escolar trás e depois também perceber-se como pode haver uma continuidade do trabalho já feito.

Há uma questão que me preocupa muito em termo de crianças com problemas, assinaladas com intervenção precoce estou a ver muito nos estágios da escola, algumas crianças que só estão a começar a ter apoio quando vão para a escola, ou algumas que tinha apoio deixaram de ter e depois parece que o processo recomeça de novo. Portanto a articulação também tem de ser a esse nível.

Conhecer os contexto, quando estão no mesmo centro escolar é importante conhecerem, fazer a visita, perceber o que fazem falarem com os colegas, terem recreios conjuntos, acho que é importante, não ser uma coisa totalmente separada, o ideal era ter a vossa formação, eu acho que ate ao segundo ano devia ser o mesmo profissional. Para os dois últimos anos do primeiro ciclo, já não acho tanto mas para os

dois primeiros anos do 1º ciclo acho que devia de ser o mesmo profissional, a educadora continuar com eles.

Entrevistador - Quais são os fatores que condicionam as transições?

Entrevistado – Eu acho que o condiciona mais é a atitude dos adultos, os receios dos adultos são mais, eu acho que as crianças veem mais naturalmente o processo de transição, os adultos às vezes é que criam receios, sobretudo as famílias, mas também os profissionais. Mas depois há outros fatores, há dificuldades, há crianças com mais dificuldades, outras com menos. Portanto toda a estrutura da rede escolar esta feita para favorecer a transição, por isso é que se construiu os centros escolares, por exemplo do privado para o público.

Entrevistador - Deseja acrescentar alguma coisa?

Entrevistado – Há outras transições que também me preocupam, da família para a educação de infância, da creche para o jardim de infância, também são problemáticas. E acho que a transição, uma das que custa mais é de um professor para vários professores, do 1º ciclo para o 2º ciclo.

➤ **Entrevistado D2:**

Entrevistador - Quais as suas habilitações académicas?

Entrevistado – Doutoramento em educação

Entrevistador- Há quantos anos exerce a sua profissão?

Entrevistado – A atual a 11 anos, que estou na formação de professores.

Entrevistador - Exerceu sempre na mesma instituição? Em quantas instituições já exerceu?

Entrevistado – antes de ser professora no ensino superior na formação de professores, eu fui professora de 3º ciclo e secundário, por isso ai andei por outras escolar. Na formação sempre foi esta a instituição.

Entrevistador - O que entende por transição?

Entrevistado – A transição envolve uma mudança, centrando essa mudança nas crianças elas vão ao longo da sua vida passando por varias transições, até mesmo na sua forma de estar a nível familiar, no seu desenvolvimento motor, há sempre aqui esta questão da mudança que as criança estão habituadas a que aconteça. As transições são mudanças que vão acontecendo, temos transições ate nas estações, no tempo ao longo do ano inteiro.

Entrevistador - Considera que é necessário trabalhar as transições?

Entrevistado – Eu acho importante, mas acho que as transições devem ser encaradas de uma forma muito natural, sem ser pensado, hoje vamos trabalhar especificamente para vocês quando forem para um determinado sitio irem preparados para aquilo que vos espera. Acho importante encarar com naturalidade os vários momentos das crianças. Não sei ate que ponto é significativo ir fazer um dia dedicado há agora vamos ver a sala de, para vocês saberem o que vos espera no ano a seguir, quer dizer a criança fica a saber mas não sei se esse momento se pode considerar uma preparação para a transição, para uma alteração. Ainda assim garantidamente não vai ficar preparado para aquilo que o espera, fica a conhecer o espaço para onde vai a seguir. Entretanto mais importante do que isso era trabalhar de forma articulada durante o percurso todo das crianças com os vários níveis para não ser uma coisa que vai acontecer só porque são finalistas no jardim de infância, por exemplo. Só porque são finalista agora já podem ir ao 1º ciclo ver, não. Então quando há centros escolar ou algo assim acho isso ainda era mais importante, fazem parte da mesma instituição e portanto se for uma coisa que é natural e gradual, ligação entre as varias áreas, áreas em termos de edificio e de lógica de haver atividades comuns será encarado de uma forma mais natural para as crianças e eu acho que isso sim é trabalhar a transição, que é prepará-los para uma mudança que vai acontecer, mas não porque há um dia dedicado mas porque há um conjunto de atividades pensadas para essa mudança.

Entrevistador - Como se prepara a transição das crianças do pré-escolar para a entrada no 1º ciclo?

Entrevistado -

Entrevistador - Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a transição no 1º ciclo? Essas estratégias são eficazes?

Entrevistado -

Entrevistador - Quais são os fatores que condicionam as transições?

Entrevistado – Essa transição podem ser condicionadas por varios fatores, podem ser físicos, de não ser instalações próximas que realmente dificultem a deslocação, as atividades mais articuladas de forma gradual mais dispersas ao longo do tempo, são limitações físicas, mas podem também ser limitações a nível humano, das pessoas, podem, por exemplo não estar sempre em contacto com a mesma educadora que tinha pensado isso e que não consegue pensar isso ao longo dos três anos, porque não mantem a educadora, pode a professora do 1º ciclo não ser a mesma e haver uma grande mudança a nível do corpo docente nas escola que faz com que não seja possível fazer esse trabalho mais escolar, pode haver essas varias condições.

Essas mudanças, depois temos também de ter em conta um aspeto que eu também acho que é importante que a transição não pode ser pensada só do jardim para o 1º ciclo, ou seja não é só no jardim de infância se adotarem em estratégias para as crianças irem para o 1º ciclo é o 1º ciclo também pensar no seu primeiro ano como é que vai despor a sala, que condições vai criar com as crianças, como é que vai ser aquela iniciação a um novo ciclo, a uma nova estrutura para a acolher. Isso tambem faz parte da transição, do ponto de vista do 1º ciclo, se calhar pensar em conhecer as crianças, que grau de autonomia é que elas já tem, não partir do principio que a primeira coisa que tem de fazer é logo todas se sentarem no lugar e definir um lugar. No 1ºciclo isso é muito importante pensar como é que esse acolhimento vai ser para dar um pouco de continuidade e se calhar olha até “vamos lá ver como esta a sala do ano passado, vamos la ver como é que as coisas estão” e não ser só o pré-escolar a ir visitar o 1ºciclo mas também o 1º ciclo a ir visitar o pré-escolar e encarar isso de uma forma mais natural possível para as crianças, é um desafio, os miúdos vão ficar super orgulhosos de ir para

outro ciclo, terem outros desafios, mas acho que deve ser pensado muito gradual e ter mais pontos de contato do 1º ciclo com o jardim de infância neste primeiro ano.

Entrevistador - Deseja acrescentar alguma coisa?

Entrevistado – Não. obrigada